

GÊNESE

De Corrado Malanga

Tradução: ana devito

Prefação

Neste artigo construímos uma ligação forte entre a realidade das experiências de abdução e o mundo do mito. Em particular, re-interpretamos a Kabbalha hebraica, utilizando o fenómeno das abduções que lhe representam uma moderna chave de leitura, abatendo todos os velos que ainda não tinham sido esclarecidos pelos estudos de Louria.

Antes de ler este artigo aconselhamos a ler “Alienígenas e Demónios” e os artigos : “A física das *abducion*”, “O tempo e a sua percepção” e “Simulações Mentais”, para garantir ao leitor uma melhor compreensão daqueles conceitos que aqui não são retomados.

Introdução.

Chegou o momento de esclarecer a génese do inteiro Universo.

Nos artigos precedentes, que descreviam o resultados das nossas pesquisas sobre o problema das abduções e das interferências alienígenas no nosso planeta, no âmbito das técnicas por nós usadas para examinar certas questões, tínhamos formulado uma ideia do cosmos, dos alienígenas, da posição dos criadores, etc. Hoje estamos em condições de fornecer uma mais detalhada imagem do mapa do território.

Os dados obtidos foram detectados utilizando seja a técnica da hipnose, com a qual se põe em contacto a parte anímica dos nossos abduzidos com o consciente, seja com os sistemas de simulação mental (*simbad* e *flash simulation*, de que falaremos no próximo artigo).

Os sistemas de simulação mental por nós adoptados, não prevêm a presença do simulador externo, mas podem também ser auto-induzidos. Mas isto será o argumento do nosso próximo trabalho.

Nesta sede basta saber que procurámos utilizar os abduzidos saídos do fenómeno abduitivo como *remote viewer*, se assim se pode dizer.

As capacidades deles, nesta óptica, revelaram-se extremamente interessantes e forneceram-nos óptimas ideias para tentar formular um organograma da inteira criação humana. A surpresa final será incrível também para nós.

Mas vamos por ordem.

Em palavras pobres, pede-se à parte anímica, que vem extrusa do contesto da tríade, de descrever alguns eventos da situação passada, da evolução, dos factos no nosso planeta. Tais declarações não foram sempre pedidas mas, às vezes, vieram fora espontaneamente dos sujeitos, seja em nossa presença que em nossa ausência.

Os sujeitos tomados em consideração, numa primeira fase da experimentação, não foram postos em contacto entre eles, e só depois se permitiu que as suas declarações fossem postas a confronto directo.

O organograma em 3D que vos propomos é, portanto, a representação da criação do Universo, assim como nos foi descrita das partes anímicas.

Neste organograma fizemos uma importante correcção respeito às precedentes hipóteses no que diz respeito à posição da figura do Homem Primeiro (Hp).

Por Hp entende-se nesta sede, a expressão da criação do primeiro homem por parte do primeiro Criador, um dos dois criadores produzido pela Consciência inicial.

Em muitos, nestes últimos tempos, nos pediram de esclarecer a posição deste personagem que a nós aparecia, no início da nossa pesquisa, um pouco como o nosso bom pai e criador e que se revelava ao contrário, um personagem decididamente pouco recomendável.

Mas vamos por ordem e analisemos o que acontece do início, do momento em que a criação acorda.

O quadro geral

Preparamos, para descrever o inteiro universo, um quadro geral que anexamos aqui de seguida e que servirá como pista, como percurso, átimo após átimo, para confrontar com a nossa descrição escrita dos eventos.

Cada coisa que podes fazer terá um sinal mais (+) ou um sinal menos (-) e tu escolherás o que fazer. Naquele instante nasce o livre arbítrio.

Os dois criadores

A consciência é a única coisa não dual e eterna. Essa é, foi e será. Aquilo que muda da consciência portanto, não é ela mesma mas a consciencialização de ser que é adquirida durante a sua experiência de vida.

Tal experiência tem que ser efectuada por alguma coisa que, no fundo, é a sua imagem virtual. Tal imagem, criada pela própria consciência, é, obviamente, dual. Vêm assim, por força de coisas, criados dois criadores, cada um que possa escolher o que fazer. Os dois criadores não podem ser nem três nem um mas apenas dois porque o universo foi criado sobre base dual.

Dois criadores podem escolher duas estradas diferentes de evolução e através deles e através das suas emanações, a consciência compreenderá quem é verdadeiramente e como é feita, porque: que essa seja, que essa exista, já o tinha entendido iluminando-se (acto inicial da criação, acto inicial do conhecimento de si).

O primeiro criador e a sua estirpe

Quisemos indicar o primeiro criador com a sigla **C1** e pusemo-lo (inconscientemente) ideicamente e arquetipicamente, à direita do observador.

Tal primeiro criador escolhe de criar por sua vez, um ser perfeito através do qual ele próprio possa fazer experiências. Este ser, identificaremos-lo com a sigla Hp (Homem primeiro).

Este Hp tem características primordiais bem definidas. É, antes de mais, munido de parte anímica bem ligada ao próprio sê, é quase uma emanação do seu criador com o qual às vezes se confunde.

Hp portanto, foi criado logo como ser quase perfeito do primeiro criador, é anímico e portanto imortal também no corpo e é a representação de Adão no livro de Génesis.

Poder-se-há notar como, na nossa reconstrução, cada simples figura tem um seu correspondente nos livros antigos que narram a história dos Deuses, como na literatura hebraica, mas também babilónica e porque não, sânscrita.

Devemos, a este ponto, abrir uma parêntesis importante para fazer entender como nestes livros está escrita a realidade das coisas. Tais textos de facto, não devem ser interpretados à letra, como textos exclusivamente históricos, mas como textos em que as histórias contadas aparecem mais propriamente como mitos: não legendas, não histórias cronológicas de eventos passados em certos períodos, mas mitos, isto é, símbolos arquetípicos de aquilo que é, existe e existirá.

<http://www.riflessioni.it/enciclopedia/mito.htm>

<http://it.wikipedia.org/wiki/Mito>

Hp cria os alienígenas!

Hp, um ser imortal e por isso incapaz de efectuar sobre si as experiências da morte, tem necessidade de criar outros seres que façam por ele esta experiência. (Hp representa o Adão que, por se crer como o seu criador, cria por sua vez, fazendo um grave pecado, aquele da soberbia. Na tradição hebraica este Adão torna-se, ou seja, tornar-se-há, mortal, já que come da árvore da vida e da morte e será expulso do paraíso terrestre. Este Adão não somos nós e a sua expulsão, ideicamente, está a acontecer agora. É preciso recordar que os antigos textos sagrados devem ser interpretados como ideicos e simbólicos, isto é, fora do espaço e do tempo, porque narram do tudo e não do antes e do depois, como simplesmente se acredita hoje.

E eis aparecer os alienígenas: todos aqueles por nós reconhecidos e quem sabe quantos outros que nós não conhecemos. Esses são sem alma e portanto morrem.

Representámos os alienígenas no nosso organograma com as figuras geométricas fechadas num paralelepípedo de cristal que lhes determina os confins da totalidade da sua existência.

Os alienígenas vêem que o seu criador (Hp: a não confundir com o primeiro criador **C1**) é imortal porque é alma e projectam de se tornar como ele. Naquele instante, os alienígenas criados por Hp são criados à sua semelhança, isto é, fazem o mesmo erro que Hp fez em confronto com o seu primeiro verdadeiro criador **C1**. “Similia similibus concreantur!”

Naquele instante os alienígenas debaixo do controlo de Hp, o criador deles, procurarão de toda a maneira subverter a ordem das coisas e tomar o lugar do criador deles. Para obter este resultado contudo, os alienígenas projectam de roubar a parte anímica de Hp. Hp nesse instante compreende que as suas criaturas se revoltaram contra ele e refugia-se numa zona do universo onde os alienígenas não podem entrar.

A experiência da morte

A este ponto é preciso esclarecer o conceito de experiência e entender porque a criação teve necessidade de criar dois criadores e por sua vez, como veremos, esses tiveram necessidade de criar outros seres.

É preciso compreender como a consciência seja eterna. Essa tem portanto à disposição, tudo excepto uma coisa, a morte. É preciso portanto, que a consciência faça sobre si a experiência da morte. A consciência não entende o que seja iniciar e terminar porque é eterna. Pedê então às suas duas emanções, os dois criadores, de efectuar por ela tal experiência. Os dois criadores, uma vez que se apercebem de ser, recusam-se de fazer esta experiência sobre eles porque isso quereria dizer terminar e delegam às suas criaturas de fazer por eles tal experiência. Nesta óptica, o primeiro criador (**C1**) cria Hp com alma que sendo anímico compreende como alma não tenha o eixo do tempo e compreende como o segredo da imortalidade está na alma. Também Hp se recusa de efectuar a experiência do fim de si, isto é, decide que não quer abandonar a sua parte anímica.

Existe um só modo para poder obter este resultado: criar, por sua vez, outros seres, os alienígenas, que acolherão a parte anímica de Hp. Os alienígenas morrerão e Hp voltará a tomar a sua parte anímica, tendo feito de maneira que essa tenha efectuado a sua experiência às custas dos outros. Hp não morre, os alienígenas são o tramite para lhe fazer fazer essa experiência.

Mas alguma coisa neste plano corre mal.

Os alienígenas, que são criaturas de Hp, rebelam-se ao dever ser tratados desta maneira, Hp faz de maneira que esses percam a parte anímica porque é demasiado perigoso que esses a tenham dentro deles e não queiram mais voltar a dá-la ao legítimo proprietário no final da experiência.

Alguns alienígenas são privados do corpo, cuja alma se destaca (os Lux), outros sofrem destruição e guerras e Hp, que orchestra tudo do alto, leva de volta a casa as suas almas (o mito da Torre de Babel).

Naquele instante, as almas que fizeram experiências diferentes, entendem que tornar do Hp quer dizer tornar numa prisão onde o próprio Hp comanda e onde não é permitido morrer, isto é, fazer experiência, aquela experiência necessária à alma que foi criada para isso. Alma não morrendo no seu contentor, não pode mais despegar-se dele e efectuar uma nova experiência.

A estratégia alienígena

Os alienígenas foram abandonados pelo criador deles, Hp, mas não desistem e põem em prática uma nova estratégia de sobrevivência. Constroem o homem (nós).

Não um homem qualquer, mas um homem com um ADN capaz de representar uma armadilha para as almas (recordamos que alma entra só em determinados corpos dotados de uma sequência de bases púricas e pirimídicas especiais, determinadas pelo ADN, provavelmente mitocondrial, da geradora).

Um ADN que emula aquele do Hp.

Os alienígenas modificam a estrutura do Neanderthal até criar um Cro-Magnon.

E aguardam que alma termine ali dentro. Uma vez que alma termina nestes contentores de almas, eles raptam os homens com alma e utilizam-nos para todas as coisas que descrevemos em precedentes trabalhos, aguardando de modificar o próprio ADN para o tornar biocompatível com a parte anímica do Homem. Naquele momento o Homem será destruído e a parte anímica ainda se “Obtorto collo”, deverá entrar à força nos contentores alienígenas tornados biocompatíveis com a sua presença. Naquele momento, a estratégia alienígena prevê de bloquear este fluxo de almas dentro dos seus corpos, não permitindo à própria alma de sair. Por fim teremos obtido um alienígena imortal como o Hp.

Mas, onde encontrar as almas que entram neste contentores?

Os alienígenas sabem que Hp tem necessidade de fazer entrar as próprias almas dentro contentores que morram, para recuperar alma que entretanto adquiriu consciencialização da morte.

Os alienígenas atendem com paciência e Hp começa a usar os contentores criados pelos alienígenas. Entretanto os alienígenas começam a raptar os Homens com alma na tentativa de, mais cedo ou mais tarde, enganar a parte anímica ao seu próprio criador Hp.

Nasce, propaga-se, também uma luta pela vida e pela imortalidade entre o Hp e as suas criaturas e essa luta passa através de outras criaturas ao obscuro de tudo: os Homens!

Mas o diabo faz as panelas sem testos...

O segundo criador

O segundo criador entretanto decidiu percorrer uma via evolutiva diferente, mas ao fazer isso perdeu a sua parte anímica que não o quis seguir.

Ora, nós não sabemos como e porquê isso tenha acontecido, mas está de facto que, das contos dos abduzidos podemos inferir que, o segundo criador se tenha encontrado numa zona do universo dimensionalmente comprometida, onde alma se recusou de o seguir. O segundo criador encontra-se num universo bidimensional, pelo menos aos nossos olhos. Um universo que se está a fechar, como o descrevem as memórias alienígenas activas dos próprios abduzidos, onde não existem nem cor nem corpo.

Por um lado, temos um segundo criador agora sem alma, e portanto sem corpo, e por outro, uma parte anímica por aí, por este universo, sem contentores para poder usar.

Mas, quando a alma do segundo criador vê a criação dos alienígenas (os Homens), eis que tenta de entrar naqueles contentores que foram, em parte, preparados para hospedar a alma derivante do Hp. Para os alienígenas um manjar inesperado.

O que tenha feito o segundo criador não é claro, mas as suas tentativas de tornar na nossa parte de universo são falidos porque aqui torna-se só se se é alma, senão, é-se obrigado a ficar de lá. Um de lá que representa nas sagradas escrituras, o inferno, onde o diabo e as suas criaturas (os demónios) foram marginalizados. E mais uma vez nos encontramos a descrever uma coisa que já tinha sido descrita arquetipicamente nos textos sagrados de uma certa cultura, como por exemplo, aquela hebraica, mas não só.

O segundo criador, no esquema indicado como C2, efectua também ele uma mais miserável criação e cria aqueles alienígenas sem corpo que descremos muitas vezes e, em particular, aqueles que estão confinados a ter um corpo falso para poder interagir com a nossa realidade, utilizando como marionetistas um fantoche que é a representação do alienígena nórdico, alto, cabelos brancos, com seis dedos nas mãos, vestido de branco, com um medalhão ao pescoço, caracterizado pela

simbologia do duplo triângulo virado.

Outro alienígena deste tipo é aquele identificado com a sigla Ra (em lembrança dos Deuses Egípcios aos quais a sua figura se liga) que usa como corpo o corpo de um alienígena que parece um volátil, muito alto, caracterizado por um bico no lugar do nariz e uma longa protuberância debaixo do queixo e ainda um hipotético terceiro olho no centro da testa. Na realidade não sabemos ainda hoje o que seja este terceiro olho, mas assim vem descrito pelos abduzidos que recordam este pássaro antropomorfo, alto por volta de quatro metros (identificado por nós com o nome de Horus). Também o segundo criador usa as suas criaturas como mão de obra para recuperar a parte anímica dos nossos abduzidos, como descrito em outros artigos precedentes a este.

O seu objectivo era construir um corpo ou utilizar um outro para passar desta parte do universo (coisa que aparentemente se pode fazer só se se possuiu uma terceira dimensionalidade). A este ponto o alienígena sem corpo que encontra um, utiliza a parte anímica e procura integrá-la em si mesmo.

O seu objectivo final é passar deste lado, como dizíamos, para depois tornar à consciência, de onde o primeiro criador deriva.

Concluindo, também ele se quer salvar em primeiro lugar e depois viver e não morrer fisicamente.

A posição do Homem

O Ser Homem, encontra-se numa situação bastante complicada.

Por um lado, o produto do segundo criador, isto é, os alienígenas incorpóreos, vêm buscar a sua parte anímica na tentativa de utilizá-la, argumentando que ela uma vez era deles e agora querem-na de volta. Depois, há os alienígenas que são criados pelo Hp, criado por sua vez pelo primeiro criador que querem aduzir o Homem para tomar dele alma, viver indefinidamente e portanto eliminar a humanidade para sempre.

A suster esta posição eram as partes anímicas dos abduzidos que em hipnose regressiva descreviam este tipo de universo. Às declarações de alma juntavam-se as declarações forçadas dos alienígenas sem corpo que parasitavam os nossos abduzidos e que conseguíamos fazer interagir.

Estes pseudo-demónios manifestavam-se frequentemente de maneira impressionante transformando as nossas sessões hipnóticas em verdadeiras e próprias ocasiões de exorcismo puro.

Depois, havia também as declarações dos vários Lux, os parasitas luminosos sem corpo, que sustentavam o mesmo quadro operativo, e depois havia as apreciações das MAA ou memórias alienígenas activas, que davam, mais uma vez, a descrição das peças ausentes a este cenário.

Os erros cometidos

Era evidente que nas descrições que tínhamos feito em precedência desta fenomenologia, tínhamos feito um par de erros importantes que devíamos corrigir. O primeiro erro foi aquele de crer que o primeiro criador C1, tivesse criado primeiro os alienígenas e depois Hp como melhor produto, porque ao contrário dos alienígenas, tinha-o criado com alma. Mas as coisas não tinham ido assim. De facto, Hp tinha sido criado logo (de resto a Bíblia, curiosamente, sustém que a primeira criação foi feita sem passar por um evolucionismo que ao invés, diz respeito só em parte e só “ao Homem segundo”, isto é, nós).

Isto deveria, em todo o caso, ser de qualquer modo verificado.

A verificação não tardou a ser efectuada fazendo recordar aos sujeitos em hipnose profunda a estrutura física do primeiro contentor no qual se tinha encarnada. Só alguns declaravam de ter entrado dentro de uma espécie de macacão primigénio, enquanto outros viam um ser muito alto, grande, em conclusão, um gigante, teríamos dito nós vendo-o directamente.

Mais confirmações desta coisa foram obtidas trabalhando com os abduzidos que se tinham já libertado do problema abduzitivo. Eles, trabalhando com as técnicas de simulações mentais, quais o simbad ou a flasch simulation (de que falaremos noutra sede) obtinham da sua parte anímica, directamente, interrogando-a, as mesmas idênticas descrições.

Hp tinha criado os alienígenas e os alienígenas tinham construído o Homem segundo, isto é, nós. O segundo erro que tínhamos feito, era pensar que dentro do corpo dos abduzidos estivesse só a

parte anímica fugida ao segundo criador C2 e ao contrário, encontrávamos também partes anímicas que derivavam de Hp que vinha do primeiro criador, isto é C1.

Uma hipótese de trabalho estava ligada a uma série de hipnozes que tínhamos executado já anos atrás, onde se vislumbrava a possibilidade que Hp tivesse introduzido no corpo de qualquer humano algumas almas que ele próprio seguia para verificar, como um “cavalo de Tróia”, o que as suas criaturas, isto é, os alienígenas, estivessem tramando nas suas costas, para lhe tirar a parte anímica. Nós, de facto, pensávamos que se os alienígenas tivessem conseguido obter, de qualquer forma, estavelmente, a parte anímica dos Homens, mais cedo ou mais tarde teriam chegado a recorrer Hp por todo o universo, na tentativa de pegar também a parte anímica do criador, conseguindo assim viver em eterno.

Portanto, pensávamos que Hp espiasse através das abduções, de qualquer maneira, os alienígenas e quisesse pôr o Homem de guarda, dando-lhe às vezes alguma ajuda, para evitar que caísse nas mãos dos próprios alienígenas. Neste contexto, sustínhamos que, se alguém te ajuda porque te quer realmente ajudar, sabe que a aquisição de consciência, sendo um processo pessoal, não deve ser interferido. Noutras palavras, os alienígenas bons não existem, ou então, se existem, não podem fazer nada para te salvar, porque tu deves salvar-te sozinho e adquirir a experiência sozinho.

Nesta óptica, era claro que o suster que os *crop circle* fossem construídos pelo Hp fazia-nos entender como, se por um lado Hp nos ajudava a fazer-nos entender que tínhamos que olhar no nosso ADN, a árvore da vida eterna, para entender alguma coisa de tudo aquilo que aconteceria com os alienígenas, por outro lado faziam-no porque salvando o Homem salvavam a si mesmos.

Mas tinha alguma coisa que não batia certo. Se de facto tudo fosse estado assim, devíamos ter encontrado, nos abduzidos, quase todas as partes anímicas derivadas do segundo criador e só poucas partes anímicas derivadas do primeiro criador, isto é, de Hp. Mas as coisas não estavam assim porque as o número de partes anímicas que derivavam de Hp, isto é, que recordavam de ter tido o seu contentor no início do tempo, eram pelo menos o cinquenta por cento.

Demasiadas para ser considerada simplesmente “cavalos de Tróia”.

E depois tinha mais. Trabalhando com centenas de casos, tínhamo-nos apercebido que os sujeitos libertados da invasividade dos alienígenas e que saíam do problema utilizando as nossas técnicas, seja com a hipnose seja com as simulações mentais, comportavam-se de duas maneiras diferentes e vinham a constituir dois conjuntos bem caracterizados. Analisando estes dois conjuntos com maior circunspeção notámos como os abduzidos que possuíam alma do segundo criador saíam do problema e não tinham algum tipo de recrudescência.

Pelo contrário, todos os outros abduzidos com alma do primeiro criador vinham ainda atacados.

Mais, estes abduzidos eram capazes de se defender dos ataques alienígenas já que estes procuravam igualmente retomar o contentor e a sua parte anímica. Além disso, notámos que nos exercícios de Simbad que nós fazíamos efectuar a estes abduzidos, o quarto do Simbad ficava vazio a significar que os alienígenas tinham, em todo o caso, sido eliminados, mas ao interno daquele domínio virtual aparecia um homem alto, grande, forte, às vezes com uma barba branca, às vezes parecia um homem gigante como se fosse feito de pedra.

Este ser ou estava em silêncio ou se exprimia através da parte anímica de modo afectivo, até mesmo um patrão ou um criador. A longo prazo as partes anímicas mais espertas, começavam a notar que esta figura exercitava um role de forte controlo e de coerção. Esta figura, que aliás os abduzidos reconheciam em seguida como a figura do Hp, queria convencer os abduzidos a deixar-se abduzir dos alienígenas e queria convencer as partes anímicas a tornar com Hp (tornar a casa), no fim da sua experiência neste mundo.

Alguma coisa devia ser revisto à luz dos novos acontecimentos.

Assim, montamos uma espécie de “esquadra anti-Hp”, um grupo de abduzidos libertados, em parte em contacto entre eles e em parte sem saber de fazer parte de uma esquadra, com a missão de entender qual fosse o verdadeiro papel do Homem primeiro em toda esta história.

Assim, acontece de dever suster alguns colóquios com este sujeito utilizando como tramite alguns abduzidos.

A um certo ponto da nossa pesquisa, de facto foi Hp que pediu um colóquio connosco e isto

aconteceu contemporaneamente dentro de 24 horas em dois casos de dois abduzidos que não se conheciam e até hoje não estão em contacto entre eles.

As hipnoses com Hp

Durante estas hipnoses Hp sustém que dever por força eliminar os seres humanos porque eles são contentores de almas e Hp tem medo que se os alienígenas as conseguem tomar definitivamente depois chegam a eles. Hp sustém que esta coisa já aconteceu outras vezes. Hp sustém que foi necessário eliminar a humanidade porque os alienígenas se tinham aproximado à solução do problema deles e o Homem primeiro não o podia permitir.

O discurso de Hp tinha pontos débeis. Porquê eliminar o Homem? Porquê então não eliminar directamente os alienígenas? Hp diz que tem medo dos alienígenas e que não sabe fazer a guerra. Hp sustém que não se pode fazer nada. Admite que esta não é uma solução porque todas as vezes que se provoca uma destruição da qual a humanidade sai praticamente destruída, os alienígenas, de qualquer modo, se aproximam mais ao Hp e mais cedo ou mais tarde este sistema não funcionará mais; mas Hp admite de não ter outras soluções disponíveis por agora.

A este ponto, as partes anímicas rebelam-se inevitavelmente ao discurso de Hp e começam a assumir uma atitude hostil em relação a ele.

Hp deixa de ser o bom pai e começa a apresentar-se como o patrão que já decidiu de eliminar a humanidade.

Nos dias sucessivos a estas hipnoses, Hp tenta invasivamente de abduzir os nossos abduzidos libertados levando-o com ele, Hp provando a ameaçar os abduzidos e utilizando também uma particular tecnologia para introduzir um microchip cluster que parece aplicar-se ao interno do cérebro e em especial no hemisfério direito, depois no esquerdo e conectando estes dois com um terceiro elemento.

Hp não era absolutamente a figura que queria ajudar a humanidade. Hp queria uma outra coisa. Ao interno do Simbad não se conseguia eliminar esta figura com as técnicas que se usam normalmente contra os alienígenas. Os sonhos dos abduzidos mostravam arquetipicamente sempre figuras de Hp bom que quer a parte anímica, que a quer proteger e que deve tornar ao pai, a ele. A ligação com Hp a nível hipnótico parecia acontecer porque Hp era ao interno do próprio abduzido, como se Hp fosse o enésimo parasita alienígena a vencer.

Não parecia existir uma comunicação directa com ele, mas algo mais.

Antes de encontrar uma solução tínhamos que entender porque isto acontecia e o que na realidade queria este Hp.

Depois a solução veio sozinha. Bastava pensar a fundo pois tínhamos, debaixo dos olhos, todos os elementos para entender. Bastava ligá-los todos juntos.

Homem primeiro e o seu erro

Quando o primeiro criador C1 criou Hp, fê-lo para fazer experiência através dele. Para evitar morrer, constrói um Homem primeiro com alma porque queria fazê-lo morrer.

A experiência da morte, de facto, era a única experiência que alma devia fazer através de um corpo físico. Alma não sabe o que é morrer e a sua tarefa é viver e depois morrer ao interno de um corpo físico. Alma assim, sedo imortal, compreenderá que quer dizer começar e acabar, dois conceitos que lhe são totalmente estranhos. Isto servirá ao criador para entender o que quer dizer não ser eternos.

Como a consciência criou os dois criadores para fazer a experiência da morte, estes delegam outros a fazê-la e nesse particular instante o primeiro criador delega Hp a fazer a experiência por ele. Mas Hp decide de se tornar imortal e recusa fazer esta experiência. Hp faz o mesmo pecado que, de qualquer maneira fez o seu criador. Um pecado de soberbia onde ele quer ficar como o seu deus. Hp é imortal. Ele mesmo nos diz de ter um só contentor que existe no passado, no presente e no futuro. Hp decide usar as criaturas construídas pelos alienígenas para efectuar a experiência da morte.

Aquela experiência que não conseguiu obter usando directamente os alienígenas, as suas criaturas, quer pô-la em acto usando os Homens.

Noutras palavras Hp constringe as suas partes anímicas a entrar e viver no Homem, fazer a

experiência da morte, para depois retomar a força a sua parte anímica e fechá-la dentro de si para sempre. Nós seremos constrictos a morrer porque Hp quer viver para sempre. Hp usa a mão-de-obra alienígena para obter este resultado; por um lado prometeu aos alienígenas, as suas criaturas, a recompensa anímica (a alma do segundo criador), mas na realidade enganará-os, no máximo, no final dos jogos, porque o alienígena não se apercebeu que estava trabalhando para um patrão mentiroso, que olha só pelos próprios interesses. O estúpido do alienígena faz o trabalho sujo para o Hp.

Agora compreendíamos a realidade das coisas. Hp não tem medo dos alienígenas mas usa-os para o seu projecto final. O alienígena, talvez e só em parte, é ao corrente deste projecto. De certeza não era ao corrente aquele parasita luminoso pertencente ao grupo dos Lux que interrogámos há muito tempo, ao qual prospectei, quase por brincadeira e só para o provocar, que as hierarquias superiores para quem trabalhava na realidade o andaria a enganar. O Lux fica em silêncio e depois confessou que não tinha pensado nessa hipótese.

Agora tínhamos finalmente entendido as hierarquias superiores às quais os alienígenas faziam referimento.

AS HIERARQUIAS SUPERIORES SÃO OS HP!

Os Hp não querem ajudar o Homem a salvar-se dos alienígenas porque sabem bem que o Homem vence os alienígenas e representa o futuro do universo. De facto, o Homem tem respeito pela a sua alma, que depois é também aquela de Hp, aceitou há tempo a ideia de morrer e não deseja encurralar a própria alma. O Homem sabe que não existe a morte senão a do corpo físico que, aliás, é totalmente fingido, virtual, não vivo, não tenente consciência.

Constringir a parte anímica a ficar bloqueada dentro do próprio contentor, quer dizer bloquear a consciência, congelar o universo. O Homem é o futuro do universo, não Hp.

Além disso, Hp não quer que os alienígenas vençam e nos tirem a alma porque se tornariam como o criador deles e sobretudo, levariam a “Sua” de alma, porque dentro de nós tem também a alma de Hp, para além daquela do segundo criador. Então, não deve vencer o Homem e nem tão pouco o alienígena e, entre os dois litigantes, Hp goza. O Homem assim construído servia como armadilha para almas. As almas de Hp acabam dentro do Homem, sem o conhecimento dos alienígenas que, num primeiro momento, teriam acreditado que, dentro dos Homens, transitassem só as almas do segundo Criador.

Depois Hp teria pegado tudo, destruído o Homem e o alienígena tornando-se como o seu criador.

Obviamente Hp fala ao Homem mal dos alienígenas e aos alienígenas mal do Homem.

Agora tudo quadrava também com as declarações obtidas das partes anímicas que recordavam o que Hp lhes tinha feito enganando-as, fazendo-lhes acreditar que Hp fosse o criador e abandonando-as nesta parte do universo dentro de contentores nos quais alma frequentemente não quer absolutamente estar.

Quando alma entende isto, a sua raiva torna-se insustentável e a este ponto começa a última batalha. A batalha na qual alma procura livrar-se do vínculo forte com o Hp. Mas a esta batalha tornaremos depois.

A este ponto, a criação parecia ser um total falimento. O segundo criador tinha perdido logo a alma e talvez também a ele tinha acontecido de perder a parte anímica porque esta tinha fugido para não se deixar encurralar. Em vez, ao primeiro criador tinha ido melhor, tinha conseguido criar Hp e aquele tinha feito tudo o resto. Um desastre.

Adam Kadmon, o Homem primordial

O Adam Kadmon é uma figura da sapiência mística hebraica associada à primeira [Criação \(Creazione\)](#), ao seu desenrolar-se e ao significado da sua origem, incluída nos elementos do seu desenvolvimento.

Segundo a exegese hebraica o Homem, enquanto a última criatura criada, é a mais completa do Criado e como tal, incluiu ontologicamente todos os elementos espirituais e materiais daqueles precedentes; pela própria integridade é a criatura mais fiel à totalidade da sapiência divina. Segundo esta teoria, o Homem é a essência da totalidade, expressão do Mundo Superior e do [Mundo Inferior](#), ([Mondo inferiore](#)) e é assim possível conhecer cada aspecto da realidade prestando atenção também unicamente à criatura Homem; o Adam Kadmon é portanto, o arquétipo da totalidade criativa precedente ao cumprimento da criação e por isso, associando-lhe a primordialidade, se fala de Adam Kadmon, expressão hebraica que significa Homem primordial ou Homem supremo: afim e pertinente a este princípio é aquele da Sefiroth. Em especial, o Adam Kadmon é o primeiro [Partzufim](#) (personificação ou [Ipostasi](#) do divino), a manifestação do vazio do [Chalal](#) (resultado da contracção - [Tzimtzum](#) – da “infinita luz di Deus” - Or Ein Sof). Importante o paralelismo entre o Homem supremo e o [Kohen Gadol \(Sommo sacerdote\)](#) : nos ensinamentos da [Qabbalah \(Cabala ebraica\)](#) as duas figuras conotam de facto uma natureza espiritual especular, uma é correspondente da outra. La Kabbalah descreve muitos pormenores segundo os quais, antes que o Senhor soprasse o espírito nas narinas do Homem, a [alma \(Anima\)](#) de Adão estava unida àquela de Eva antes do nascimento ou formação: vem ensinado, de facto, que cada par seja a união das duas almas para as quais o Senhor já pré-estabeleceu o encontro no decurso da vida depois do nascimento.

Segundo os textos da [religião hebraica \(Ebraismo\)](#), depois da morte, a [Alma](#) de cada Homem encontra Adão; a essa, que parece repreender Adão do seu primeiro pecado que causou a morte no mundo, vem recordado do primeiro Homem mesmo que cada um morra pelos próprios pecados: o referimento textual está também no [Livro de Ezequiel 18,4](#).

Noutras palavras, a alma reúne-se com a figura de Hp, isto é, Adam Kadmon, e recorda-lhe o seu pecado original. Próprio como acontece na nossa reconstrução.

Portanto, existem dois Adão que são bem distintos. No [Zohar](#) consta que Adão, isto é, o Homem segundo, veio criado com o pó do lugar do [Templo de Jerusalém \(Tempio di Gerusalemme\)](#): depois Deus (isto é, os alienígenas N.d.A.) misturou os quatro ventos com os [quatro elementos \(Elementi \(filosofia\)\)](#) e deu vida a uma obra maravilhosa, de facto, Adão; Adão possuiu também um elemento espiritual celeste, a alma derivada, precisamente, do [Templo Celeste de Jerusalém \(Tempio Celeste di Gerusalemme\)](#) do [Mundo Superior \(Mondo superiore\)](#): assim, também na sua formação, o Homem possuiu elementos do Mundo em Alto e do Mundo de Baixo.

Sempre a [exegese hebraica \(Esegesi ebraica\)](#) diz que Adão pôde ver em [visão divina \(Visioni \(teologia\)\)](#) todas as gerações dos [Zadikim \(Zaddiq\)](#) da história, os justos.

E, de facto, os nossos abduzidos depois de ter tomado consciência de si têm acesso a todas as vidas de todos os seus contentores também, e não só, em estado hipnótico.

A estatura elevada de Adam Kadmon da Terra chegava até ao céu e ele podia distinguir de um lado a outro do Mundo graças à luz celeste criado por Deus.

Adam Kadmon o Grande Protótipo de Homem contém nove almas que estão plenamente integradas. Quando a caída da graça se verificou, e de consequência o véu etéreo da Terra começou a reduzir a sua cortina vibracional, o original Adam Kadmon espalhou as suas nove almas-matriz nos reinos deste universo (o número nove é arquetípico: N.d.A.)

Adam Kadmon – os conceitos paralelos		
Pleroma: Gnosticismo	A mente de Deus: Proculus http://www.kheper.net/topics/Neoplatonism/Proclus-henads.htm	Supermente : Sri Aurobindo http://www.kheper.net/topics/Aurobindo/Supermind.htm
Realidade sugerida: O Manifesto Absoluto		

O Zohar sublinha que o En Sof anima todo o mundo sefirótico porque não se pode pensar que as simples sefiroth sejam desligadas uma da outra. Enquanto organismo de Deus, as sefiroth são um

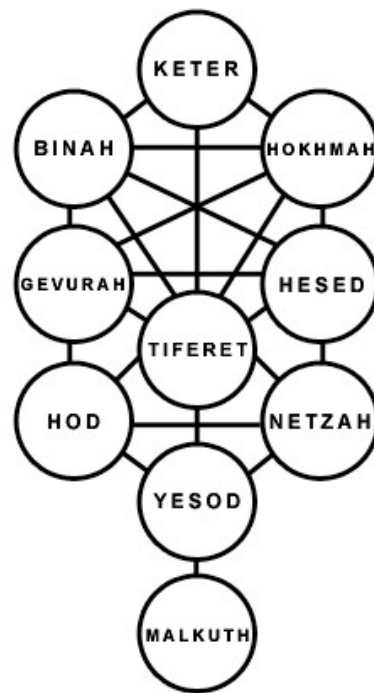
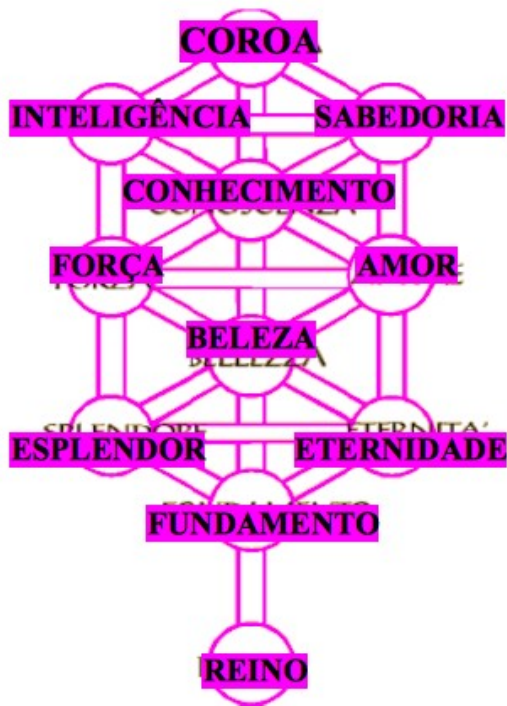
todo indissociável: Não são “lugares” do divino, mas “modos” com os quais o divino se manifesta aos Homens. Segundo alguns cabalistas (aqueles da Kabbalah Louriana) esta visão aparece mais completamente estruturada e apresenta-se como concepção do Adam Kadmon, o Homem primordial bem distinto do Adam Rishon, o Homem segundo. O Adam Kadmon é a primeira manifestação do En Sof, o seu espírito vital (Nefesh) é constituído pela disposição concêntrica das sefirot, enquanto a sua alma (Ruah) é constituída pela sua mais comum disposição vertical.

No Sefer Yetsirah se revela a criação do Mundo. Diz-se, com um estilo incomparável e intraduzível, que Deus Vivente (Hp) criou o seu Universo através Sefar e Sefer, e Sippur, quer dizer, por meio do Verbo e do Número. Louria especifica que o mundo nasce graças a um gesto de retirada ou contracção sobre si mesmo – tsimtsoum- por parte de Deus (a Consciência): no espaço vazio vindo-se assim a determinar, surgiu o Criado.

Rabbi Berekhya ensina que, antes da Criação, o Pensamento Supremo emitiu uma fortíssima luz radiosa. Para o Zohar ao invés, tudo nasceu quando o Antigo de Dias, o Velado, o irreconhecível, o sem início nem fim, decidiu dar um limite à própria ilimitação. “De repente estendeu à sua frente um véu, através do qual se começou a desenhar a sua Realeza.” O Sefer Yetsirah (O Livro da Formação) é considerado o mais antigo tratado Kabbalístico de cosmogonia e cosmologia. A sua escritura é atribuída ao patriarca Abraão ou a seu pai. Viemos também a saber que, a partir do misterioso Ponto Supremo, e assim por diante para todos os níveis da Criação, cada coisa outro não é que o revestimento de uma outra que lhe é superior e a domina. O cérebro, envolto como é num invólucro, é ele mesmo invólucro de um outro cérebro superior. Para aquilo que lhe é superior ele é somente invólucro. A Kabbala ensina a existência de três almas. O corpo físico do Homem faz de suporte a um outro suporte que é a alma vegetativa. Chama-se Nefesh e é o degrau inferior ou princípio vital (trata-se daquela entidade por nós identificada como Espírito: N.d.A.). É a alma adormecida. Nefesh é sustento ao corpo físico que essa nutre. Mas, por sua vez, Nefesh serve de substrato a uma outra estrutura, dita Roua'h. E esta é um estado intermédio. É o princípio espiritual, a alma no estado de vigília (aquela que nós identificamos como Alma: N.d.A.). É bom especificar no entanto, que Nefesh e Roua'h não são essências ou qualidades diferentes e não-homogêneas, enquanto que uma não pode existir senão acompanhada da outra. Por fim, Roua'h é o sustento do nível superior chamado Nestamah, que é a alma propriamente dita. É este o conceito tanto discutido e que tantas polémicas tem suscitado e continua a suscitar, já que na Kabbala se afirma a claras letras que alguns Homens não a possuem (esta é a alma múltipla de Hp: N.d.A.). “Medita sobre estes diversos planos do espírito humano, exorta Rabbi Simeon bar Yo'hai, e descobrirás o mistério da Eterna Sabedoria. Porque é mesmo esta que modelou estes graus do espírito humano à imagem do Supremo Mistério”.

De facto, segundo a Kabbala, tudo o que está na Terra espelha de maneira fiel o que está no Alto. “Não existe coisa alguma neste mundo inferior – afirma Rabbi Yits'haq – que não tenha um próprio homólogo que o governa naquele superior”. E é assim que pondo em movimento as coisas aqui na Terra, automaticamente se chamam à acção as forças superiores correspondentes, que tudo supervisionam. Por isto Rabbi Eléazar fala da existência de dois mundos: um escondido e um manifesto, que no entanto, na realidade, concorrem à constituição de um único mundo (de A. D. Grad, em “Iniciação à Kabbalah hebraica” Ed. MEB). Portanto, existe uma alma e um espírito. Existe um Homem primeiro, dito Adam Kadmon, que é o contentor de mais almas que depois ele gere num certo modo e que depois, no final do tempo as retoma. Existem dois universos, um a nós escondido (aquele do segundo criador). Adam Kadmon tem a alma das almas que se define Nestamah. Tudo isto nós o confirmávamos das nossas hipnoses regressivas.

Tornava à nossa mente a pergunta de partida. Mas, porquê as almas (Roua'h) dos nossos abduzidos com proveniência de Hp falavam preferivelmente em hebraico? Mas, antes de responder a esta pergunta, estávamos descobrindo uma coisa extremamente fascinante. De facto, ao desenhar ao computador o organograma da Génesis, não nos tínhamos apercebido que tínhamos desenhado algo de absolutamente bem noto. Observando, de facto, de longe o nosso desenho, apercebíamos-nos que não tínhamos feito nada mais que desenhar a Kabbalah hebraica.



A base do pensamento cabalístico é a Bíblia (Bibbia) hebraica ou Tanakh (acrónimo para “Torah, Profetas, Escrituras”). A secular exegese do Tanakh, já contida na Halakhah (apresentação da casuística jurídica), na Haggadah (sob forma narrativa), nos dois Talmudím (Talmud), o babilónico (Babilonia) e o de Jerusalém (Gerusalemme), e nos muitos midrashím (Midrash), tinha desde há séculos posto a interpretação do texto sacro ao centro da vida do Israelita. Faz-se remontar o nascimento da visão kabbalística à publicação do livro Zohar (esplendor), publicado por volta do século XIII ou ao precedente Sefer Yetzirah (Livro da formação), que no entanto é, segundo alguns, uma obra mais exegética que filosófica, atribuível a Abraão ou até mesmo a seu pai, por volta de 1200 anos antes de Cristo.

A Kabbalah é muitas coisas e nenhuma delas. Uma das coisas que a Kabbalah é, representa a descrição da árvore da vida mas, ainda melhor, a árvore da existência do Universo criado, que engloba dentro de si também o Criador.

Existem três tipos de Kabbalah, ou melhor, três modos de escrever esta palavra.

Existe, de facto, a Kabbalah hebraica, da qual nos estamos ocupando, a Qabala dos grupos esotéricos (como a hermética Ordem da Golden Dawn) e maçónicos e a Cabala napolitana que procura através de uma numerologia de derivação popular os números da lotaria.

<http://www.kheper.net/topics/Kabbalah/Kabbalah.htm>

A árvore da vida

No diagrama, ao centro, encontra-se a coluna do equilíbrio que de Keter, através Tiferet e Yesod, chega a Malkhut. À esquerda e à direita de Keter ramificam-se outras duas colunas: aquela da Graça, através Hochmah, Hesed e Netzah; aquela da severidade, subindo através Hod, Ghevurah e Binah.

As XXII vias

As 10 Sephiroth estão ligadas entre elas por 22 caminhos, associados às letras do Alfabeto hebraico. Em vários autores são apresentadas várias maneiras de associação. A mais difusa, faz partir a Álef de Kether em direcção de Chochmah e se concluiu com a Taw que está entre Yesod e Malkhuth. Os 22 caminhos e as dez Sephiroth juntos formam as 32 vias das quais fala o Sépher Yetziráh.

Outras representações da Sephiroth

Em alguns manuscritos do renascimento do século XVI, o diagrama das Sephiroth, enquanto emanção divina, multiplica-se por sua vez indefinidamente. Esta ilustração encontra-se no texto "Otzrot chayyim (Os tesouros da vida)" de Chayyim Vital ([Hayim Vital](#)).

Ver também [Giulio Busi, Mantova e la Qabbalah](#) (Skira, 2001).

Os quatro mundos

No início do [século XIV](#) começaram-se a distinguir quatro mundos no [Criado](#): 'Atzilúth ([Atziluth](#)) (mundo da emanção), Beri'à ([Beriah](#)) (mundo da criação), Yetzirà ([Yetzirah](#)) (mundo das formas) e 'Asiyá ([Assiah](#)) (mundo da produção ou da fabricação). Com estes nomes indica-se o variar do tipo de influxo das sefirot. O mundo de Atzilut, que está mais perto de Deus, é regido por forças só imateriais. A componente material aumenta à medida que nos afastamos do Emanador.

No fundo o Emanador outro não é que a coisa que nós chamámos iluminador nos nossos precedentes artigos.

Portanto, para lá das comparações e das confusões, procuraremos demonstrar como a visão da descrição dos eventos por nós obtida através de colóquios com alma, seja em hipnose seja utilizando as simulações mentais, outro não é que a descrição do Universo através da descrição da cultura hebraica.

Versão tradicional	Versão qabalística Golden Dawn	Significados	Correspondências no corpo	Correspondência astrológica	Imagem mágica	Arquétipos Junguianos
Keter	1. Kether	Coroa	Coroa	Primeiro movimento (Deus) [Neptuno]	Venerável velho, visto de perfil	A cabeça de Deus, Deus, O Sê
Hokhmah	2. Chokmah	A Sabedoria	Lado esquerdo do rosto	Estrelas fixas [Urano]	O sábio Homem Idoso	Yang, polaridade masculina espírito
Binah	3. Binah	O irreconhecível	Lado direito do rosto	Saturno	A Grande Mãe	Yin, polaridade feminina alma
Daat	Daath	O Conhecimento	Terceiro olho	Plutão		A Alma O Ar
Hesed	4. Chesed	A Generosidade	O braço esquerdo	Júpiter	O Rei sentado no trono	
Gevurah	5. Gevurah	A Força, a Potência	O braço direito	Marte	O Guerreiro	
Tiferet	6. Tiphereth	Visão do alto Sê	Coração, peito	Sol	O Menino, O Rei, O Deus sacrificado (ex. Cristo)	O Espírito O Fogo
Netzah	7. Netzach	Emoções e espontaneidade	A perna esquerda	Vénus		
Hod	8. Hod	Intelecto	A perna direita	Mercúrio		
Yesod	9. Yesod	O plano astral, o inconsciente	Genitais	A Lua	O Hermafrodita	A Mente A Água
Malkut	10. homem primeiro torna-se Malkuth	A Realidade física virtual	Os pés, o ânus	A Terra	A Donzela	O Corpo A Terra

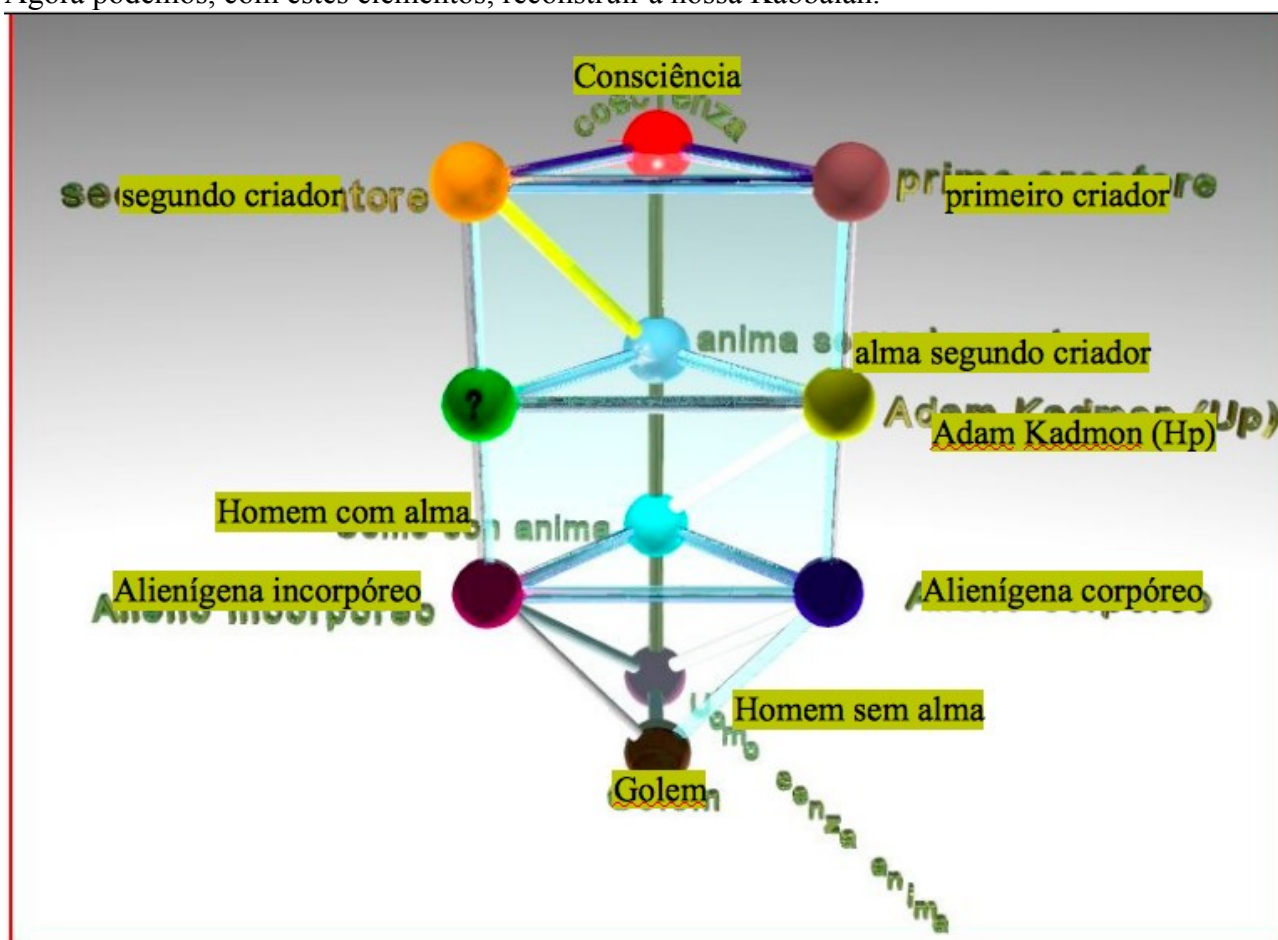
Já observando esta tabela comparativa dos diversos símbolos conectáveis com as diversas Sefiroth da Kabbalah, podemos notar como, ideicamente, as imagens sugeridas pelos símbolos, representem bem muitas dos personagens do nosso teatrinho universal. A consciência torna-se assim a Coroa. Os dois criadores são a imagem do feminino e do masculino, isto é, o dual primordial.

O Homem primeiro torna-se o Rei sentado no trono, enquanto do lado oposto Gevurah, um Obscuro Guerreiro, representa a primeira criação do segundo criador, o ser sem corpo que criará os alienígenas sem corpo, os Hod.

Neste contexto, Daat representa a Sefiroth invisível, isto é, a décima primeira representação que se pode escrever e representar só se se tiver o Conhecimento. Trata-se da parte anímica do Segundo Criador C2. Pode-se vê-la, e portanto ser consciente dela, só se se sabe que existe. De facto, nesta parte do universo criado, essa não deveria existir, mas deveria estar do outro lado, com o segundo criador. Hod e Netzah são os alienígenas corpóreos e incorpóreos.

Tiferet é a representação do Homem com alma, onde Yesod é o Homem com espírito mas sem alma e Malkut é o invólucro vazio, o mítico Golem que sozinho não sabe nem sequer de ser, a cópia que o alienígena constrói do abduzido.

Agora podemos, com estes elementos, reconstruir a nossa Kabbalah.



Como se pode notar da nossa reconstrução essa é totalmente sobreponível à representação da Kabbalah hebraica mas vão feitas algumas importantes distinções. Nos desenhos que são construídos pela tradição hebraica da Árvore da Existência, poder-se-há notar que existem inumeráveis variantes do tema original. Antes de mais, alguns desenhos reproduzem Daat e outros excluem-no da representação final. Deve ser tomado em consideração o facto que a interpretação da Kabbalah não é clara nem àqueles que a propuseram em base aos textos originais, decididamente herméticos. Nós, ao contrário, sabemos o que quer dizer “escondido” porque a nossa interpretação não suscita dúvidas. A alma do segundo criador não deveria estar aqui, mas de uma outra parte e ninguém pode saber que essa existe. A menos que não lhe tenha Conhecimento.

Um outro aspecto que gera confusão está ligado ao número de ligações entre as diversas Sefiroth. Essas frequentemente parecem passar por detrás de outras ligações, às vezes por a frente, às vezes

parecem estar colocadas todas no mesmo plano, e isto acontece porque a estrutura da Sefirath é tridimensional, como nós a reconstruímos, mas não só. Estas ligações devem ser, respeitando a tradição, um número específico que corresponde a 22. Neste ponto a Torah é claríssima. Porque 22 são os arquétipos originais, 22 são os Tarô que o Deus Toth doou à humanidade e que correspondem à chave de leitura de um hipotético e perdido livro de Toth, que outro não seria senão a representação egípcia da mesma cabala de Louria.

E 22 são os Autiuth, as matrizes descritas no Sépher Yetziráh, com que o Impressor (Deus) criou o Universo.

Portanto, estas matrizes, ou melhor estas 22 operações base, com que o universo é criado, representam também todas as possíveis interacções entre as componentes da Kabbalah. Neste contexto, algumas interacções não parecem existir enquanto outras são reais. O conhecimento da existência de Daat permite-nos compreender aquilo que até hoje os kabbalistas não tinham claro: a interacção que Daat tem com o Segundo Criador do qual provém e a interacção que possuiu o Homem com alma (Tiferet), o único contentor capaz de a tomar consigo.

A nossa reconstrução da árvore da existência é a única capaz de explicar a fundo todas estas interacções com base no cenário alienígena, reconstruído e proposto por nós em todos estes anos de pesquisa. E é exactamente desta visão das coisas que nos apercebemos que as interacções postas por nós em evidência, são 23. Portanto existe uma interacção mais.

A única interacção a mais que efectivamente existe no nosso contexto é aquela entre o homem Golem e o alienígena incorpóreo. O homem Golem foi, de facto, criado e manipulado pelo alienígena corpóreo que depois desenvolveu o Homem com espírito e, por fim, aquele com alma e espírito. Neste contexto, o alienígena incorpóreo não tinha nenhuma possibilidade e nenhum interesse nem em criar um corpo, nem em interagir com ele. Convém recordar que, segundo a nossa reconstrução, umas das razões porque o Segundo Criador perde a alma, é porque perde, indo para uma outra parte do Universo Criado, a terceira dimensão. Perde a possibilidade de ser corpo, e portanto, de se ligar à alma através do seu ADN (outra arquetípica visão da árvore da vida e não da existência).

Em algumas versões da árvore das Sefiroth, por exemplo, seja esta ligação que aquela entre o alienígena e Golem, não vêm desenhadas. Com efeito, o alienígena não criou o Golem, mas teria-o somente modificado, utilizando a genética e transformando um Neanderthal em Cro-Magnon.

O papel de Golem

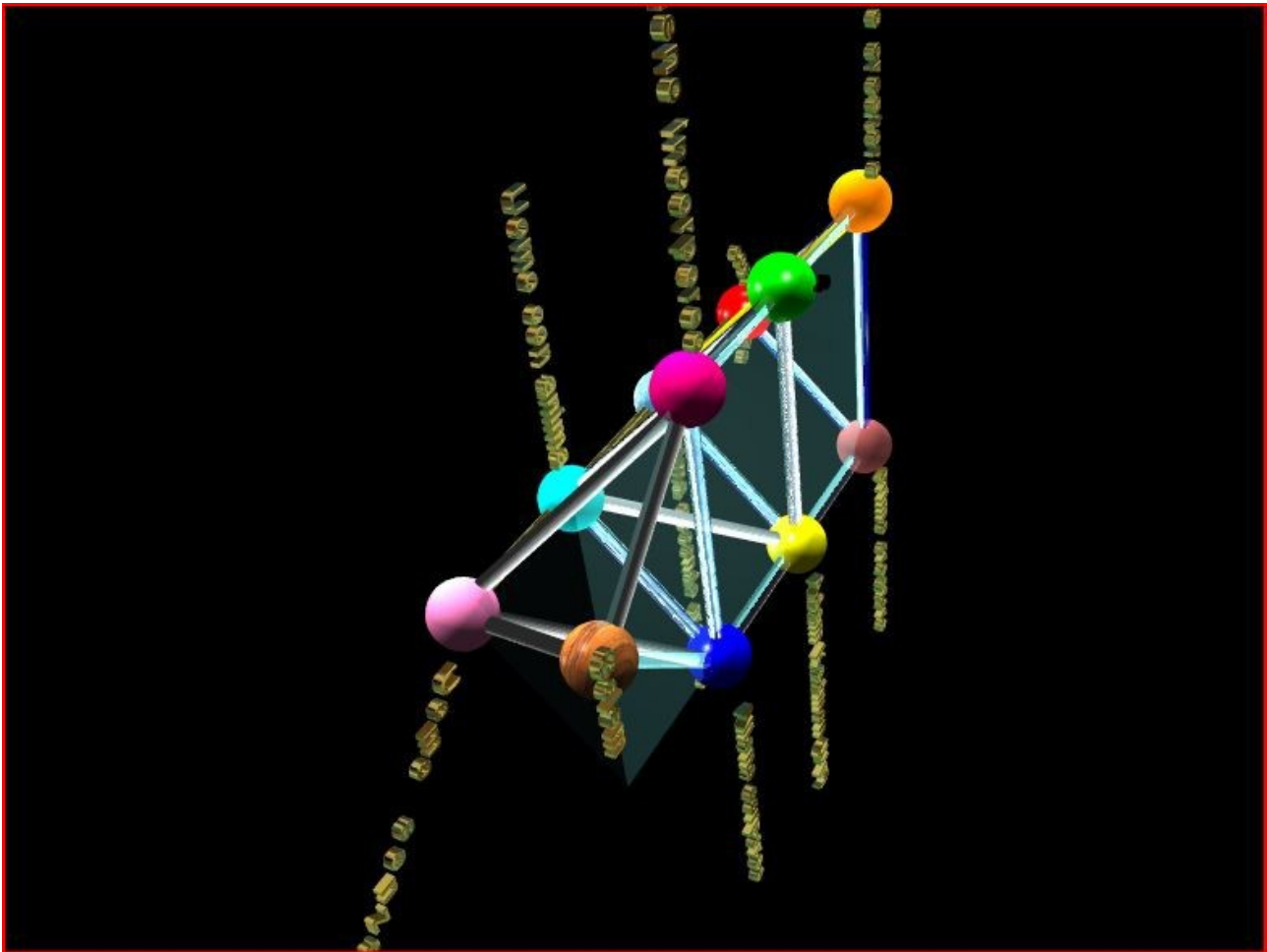
O Golem é A representação de um corpo vivo mas com pouca consciência, porque desprovido de alma e espírito. Esse é construído como ser vegetal no início da criação, no átimo em que todas as coisas são criadas. Concluindo, um vegetal.

Por isso ele, na nossa visão tridimensional, não vem posto debaixo da coluna central, aquela que contém os Homens viventes com consciência, porque anímicos ou simplesmente espirituais. Esse, portanto, não pode ser colocado debaixo da coluna central, mas deverá ser projectado para a frente. Na visão frontal da reconstrução kabbalística da árvore da Existência, não nos apercebemos desta coisa, mas aparece evidente se analisarmos de baixo a nossa árvore da Existência em 3D.

Se, para além disso, assim não fosse, perderíamos uma outra importante informação.

Nós, de facto, sabemos que as informações que estão incluídas na visão kabbalística das coisas estão, na realidade, compreendidas em textos muito antigos, como por exemplo a Merkaba que tem origens pré-egípcias.

Ao contrário da Kabbalah, de que os estudos constituídos principalmente pelas análises do rabino Louria nos levam a ter um quadro muito pormenorizado deste objecto, no caso da Merkaba, pouco ficou daquela tradição, que caiu nas mãos de incautos personagens new age, que se inventam tudo e o contrário de tudo, apenas para fazer dinheiro, vendendo uma filosofia de vida que, na realidade, originariamente, pouco tinha a ver com a ideia de ser “vendida”.



Um dos poucos aspectos que se refere à Merkaba é a descrição do Homem que se parece a três tetraedros dos quais, aquele central parado, e os outros dois em rotação sincrónica, um em sentido horário e o outro em sentido anti-horário.

Para além da consideração que os povos assim antigos pudessem ter uma visão extremamente geométrica e sincrónica do ser humano, não podemos fazer a menos de notar que os três tetraedros possam ser assimilados com a representação de alma, mente e espírito.

Portanto, devíamos encontrar esta informação geométrica também na árvore da Existência, e isto acontece só se pomos o Golem no mesmo plano geométrico dos dois criadores, mas não no eixo da Consciência.

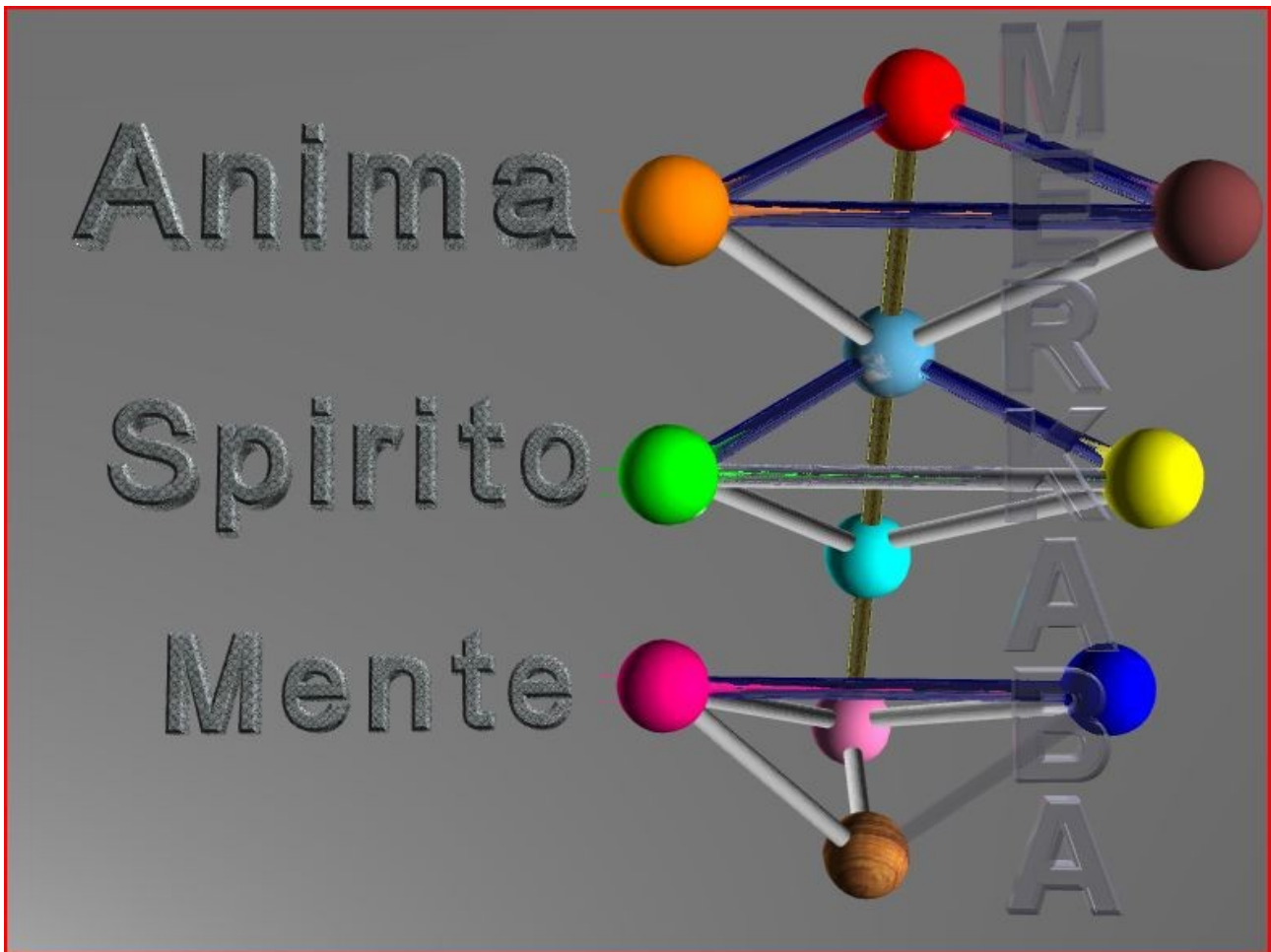
Pondo em evidência os três tetraedros, na nossa revisitação gráfica, descobrimos como seja possível construir tais tetraedros só se a Sefiroth correspondente ao Golem é posta, não debaixo da coluna da consciência, mas para a frente. Os três tetraedros são identificativos de alma, mente e espírito, mas, dois estão ligados através da Sefiroth correspondente a Daat, o Conhecimento, e são, de facto, os tetraedros que representariam espírito e alma, enquanto destacado e parado, não rodante, ficaria o tetraedro mais baixo, aquele que diria respeito à presença de mente.

Portanto, o Golem teria corpo e mente, mas não teria nem espírito nem alma.

Esse representa seja o primeiro homínídeo vivo, porque vagamente mental, e portanto com a consciência de mente, mas semelhante a um vegetal, incapaz apenas de saber que talvez exista.

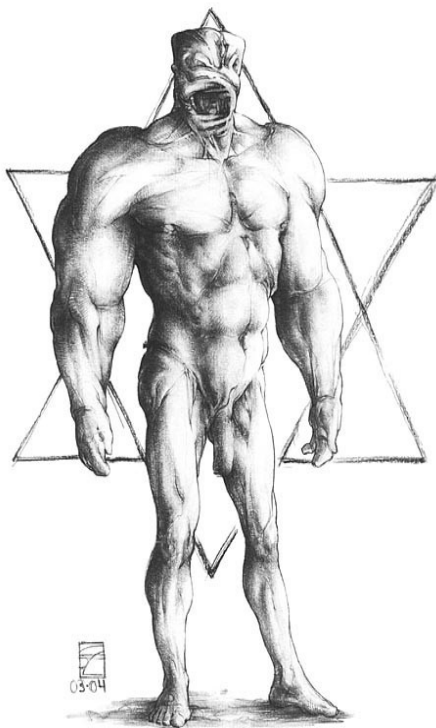
Por outro lado o Golem é a verdadeira representação da cópia do contentor do abduzido.

A cópia não tem emoções, não possuiu recordações, se lhe se pergunta quem é, num estado hipnótico, entra em confusão e responde-te, ao máximo, com uma sigla numérica. A cópia em hipnose, não é capaz de recordar nada da sua existência e não possuiu conceito de si.



Mas o que é o Golem para a cultura hebraica?

Legamos das páginas de Wikipédia:



Sefer Yetzirah.

“Segundo a maior parte, o Golem (hebr. גולם) é uma figura imaginária da [Mitologia hebraica](#)([Judaísmo](#)) e del [Folclore medieval](#) ([Idade Média](#)). O termo deriva provavelmente da [palavra hebraica](#) ([ALíngua hebraica](#))gelem que significa “matéria-prima”, ou embrião, termo presente na [Bíblia](#) ([Antigo Testamento](#), Salmo 139:16) para indicar a “massa ainda priva de forma”, que os [Hebreus](#) ([Judeu](#)) põem em comum com [Adão](#) ([Adamo](#)) antes que lhe fosse infundida [Alma](#). Em [hebraico](#) moderno golem significa também [Robô](#). Segundo a [Lenda](#), quem toma conhecimento de certas artes mágicas pode fabricar um golem, um gigante de [Argila](#), forte e obediente, que pode ser usado como servo, empregado para fazer trabalhos pesados e como defensor do povo hebraico dos seus perseguidores. Pode ser evocado pronunciando uma combinação de letras alfabéticas.

Diz-se que o Golem seja estado formado através do texto [Sefer Yetzirah](#): esse remonta à sabedoria de [Avraham](#) ([Abraão](#)) e distingue-se por a exegese dos segredos do [Alfabeto hebraico](#), das [Sephiroth](#) na ligação com a anatomia do corpo humano, com os planetas e com os meses, dias e signos zodiacais: estas três figuras – o homem, o mundo e o ano – representam três testemunhos completos. O mestre que quisesse formar um Golem, assim se contava, servia-se das letras, rodando entorno da forma de argila por um número de vezes específico, em correspondência a todas as figuras citadas no

O Golem era dotado de uma extraordinária força e resistência e executava à letra as ordens do seu criador, do qual se tornava uma espécie de escravo, no entanto, era incapaz de pensar, de falar e de provar qualquer tipo de emoção, porque era privo de uma alma e nenhuma magia feita pelo homem seria estado capaz de lhe a fornecer.

Na crónica de [Ahimaaz ben Paltiel](#) o cronista medieval do [Século XII](#) narra que no [Século IX](#) um [Rabino](#), Ahron de [Bagdá](#), descobre um golem a [Benevento](#), um rapaz a quem tinha sido doada a vida eterna por meio de um pergaminho. Sempre no final [século XVI](#), segundo a crónica de Ahimaaz, na cidade de [Oria](#) residiam uns sábios hebreus capazes de criar golem que deixam de praticar esta actividade depois de uma divina advertência.

Narra-se que no [século XVI](#) um mago europeu, o [Rabino Judah Loew ben Bezalel de Praga](#), começou a criar golem para desfrutá-los como seus servos, plasmando-os na argila e despertando-os escrevendo sobre a sua frente a parola "verdade" (em hebraico [תמת](#)[emet]). Havia, no entanto, um inconveniente: os golem assim criados tornam-se sempre maiores, até que foi impossível servir-se deles: o mago decidia de longe a longe, desfazer-se dos golem maiores, transformando a palavra na sua frente em "morte" (em hebraico [מת](#)[met]); mas um dia perdeu o controlo de um gigante, que começou a destruir tudo aquilo que encontrava. O Golem, não como divindade mas como uma espécie de [Anjo](#), cuja natureza na [Kabbalah \(Cabala\)](#) é secreta, no entanto, criado pelo mestre capaz de unir o poder espiritual à Vontade de [Deus](#), conta-se que operasse também para a defesa de algumas comunidades hebraicas da Europa oriental. Retornado o controlo da situação, o mago decidiu deixar de se servir dos golem que escondeu no sótão da [Sinagoga Staronova](#), no centro do velho Bairro judaico, onde, segundo a lenda, si encontrariam ainda hoje."

Um verdadeiro e próprio super-soldado portanto, em pleno acordo com as nossas hipóteses de trabalho.



Mas o Golem portanto, não é só simbolicamente retratado pela cópia do abduzido, que talvez venha utilizada como um super-soldado pelos militares ou como contentor de outras coisas pelos nossos alienígenas. O Golem é também o pequeno gray, dito EBE (entidade biológica extraterrestre), qual fiel e estúpido servo das forças alienas.

O estranho animal que recebe as ordens dos seus superiores, que não entende o que acontece quando um abduzido, durante uma abdução, faz alguma coisa que não é previsível nos cânones do comportamento normal dos humanos.

A pobre criatura está na mão de um patrão, que o criou geneticamente, e o desfruta para fazer o trabalho sujo sobre os

nossos abduzidos.

Os humanos gostariam de criar estes robot num futuro, aos quais tirar órgãos para as suas necessidades, fazer-lhe fazer as limpezas de casa, mandá-los à guerra, usá-los para relações sexuais: fazê-los ir ao escritório no lugar deles, criar, em conclusão, um mundo de Robot perpetrando assim o erro do Hp (Homem Primeiro, Adam Kadmon), que cria alienígenas amorais, que construirão um humano outro tanto amoral, que tenta de fazer viver uma sua imagem de si sem consciência a quem delegar todas as responsabilidades dos seus desejos psicóticos e não resolvidos...

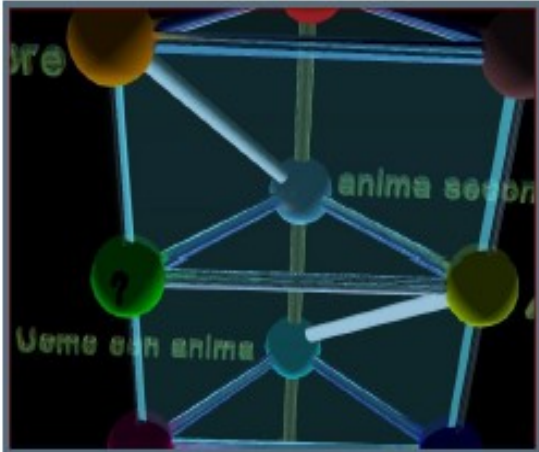
Os quatros mundos

Como dissemos precedentemente, a Kabbalah descreve bem quatro níveis de consciência ou quatro mundos:

- [Atzilúth \(Atziluth\)](#) (mundo da emanção)
- [Berí'á \(Beriah\)](#) (mundo da criação)
- [Yetzirà \(Yetzirah\)](#) (mundo das formas)
- [Asiyá \(Assiah\)](#) (mundo da produção ou da fabricação).

O mundo do Atzilut, que é o mais perto a Deus (a Consciência), é regido por forças só imateriais. A componente material aumenta à medida que se se afasta do Iluminador.

A Consciência e os dois Criadores fazem parte do primeiro mundo dito da emanção.

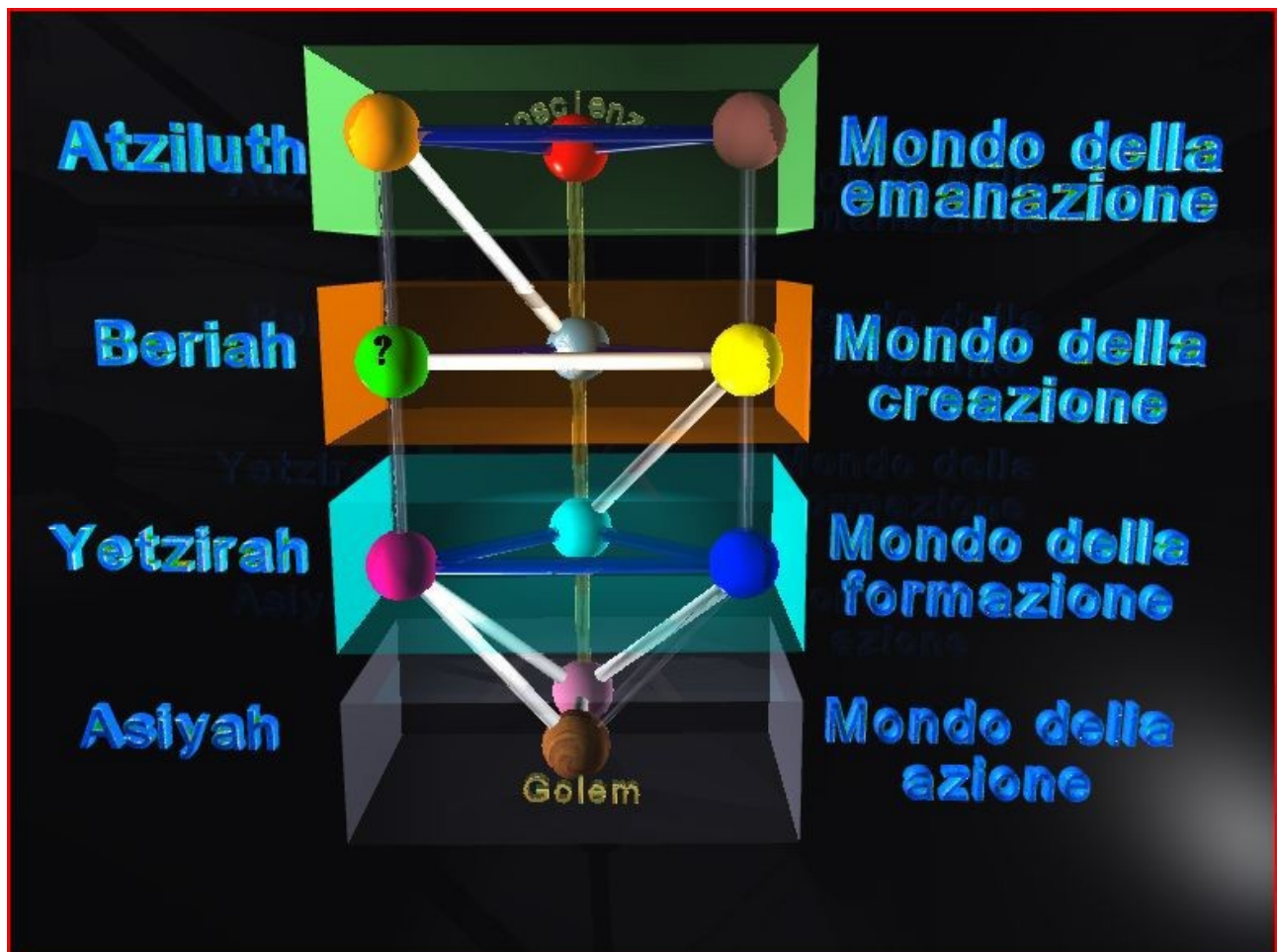


A verdadeira criação foi deixada a Adam Kadmon e a um seu eventual correspondente derivado do segundo criador. Um ser que nós não conhecemos e, na nossa interpretação das coisas, identificámos, na nossa árvore a 3D, com um ponto interrogativo. No Yetzirà existem as criaturas criadas, isto é, os alienígenas com corpo, sem corpo e os Homens com alma. Por fim existe o mundo da fabricação, à qual pertence o Golem para além do Homem com o espírito, mas sem alma.

A Kabbalah, portanto, para além de ser a representação da situação do Homem para com os alienígenas e a criação, representa uma fotografia sem tempo, um quadro da realidade que nos diz, não só o que aconteceu,

mas também o que acontecerá.

Enquanto o fenómeno da Criação desce do alto e é descrito pelas duas colunas laterais da árvore sefirótica, o Homem encontra-se ao centro da Criação, remonta na coluna posta ao centro da árvore sefirótica. Deste ponto de vista, aquilo que aconteceu e que acontecerá, reassume-se no seguinte paradigma. A Criação construiu os dois criadores que deram origem a uma série mais ou menos fortuita de sub-criações motivadas pelo tornar-se imortais e imitar os seus Deuses e criadores. O Homem, que primeiro é um meio para obter este resultado, demonstra ser o produto acabado de uma futura evolução universal e eleva-se do mundo da formação ao mundo da criação, unindo dentro de si, seja a alma do primeiro como do segundo criador, reunificando tudo aquilo que é experiência vital, para reunir-se ao Criador Deus.



O problema da língua hebraica

A pôr-nos na estrada de um modelo kabbalístico do problema alienígena foram também algumas “revelações” de todo espontâneas e inesperadas, isto é, não provocadas, de alguns abduzidos que, ou em hipnose ou durante os exercícios do simbad, conduzidos por si sós, ou durante sonhos e momentos de percepção alargada, clássicos, sobretudo para os abduzidos libertados, pronunciavam algumas palavras numa linguagem estranha. Éramos, depois de algumas investigações, capazes de sustentar que esta língua fosse o hebraico.

Por exemplo, uma abduzida, em hipnose ou em estado de percepção alargada, usava dirigir-se a alma com o termo *Asiya*. Alguns abduzidos possuem nick name em internet, com assonâncias semelhantes a esta série de fonemas. Esta entidade refere-se a si mesma como a uma alma de parte feminina e sustém que a parte masculina com quem ela interage se define *Shamir*, outro nome de origem meramente hebraica.

Shamir parece uma definição da parte masculina do sê, isto é, aquela coisa que nós identificamos como espírito e que, alegoricamente falando, se apresenta frequentemente nos simbad dos abduzidos como um guerreiro com tonalidades vermelhas de cor, ou amarelo-chama, etc.

Na realidade, *Shamir* em hebraico é também uma ferramenta muito particular. Existem diferentes tipos de *Shamir*, mas são objectos que serviam para cortar até a pedra com grande facilidade.

Sabemos para além disso (Zoar 74 a, b), que o *Shamir* era capaz de rachar e cortar tudo; eis porque foi indicado um “caruncho metálico divisor” e também um “verme cortante” no *Pesachim*, que pertence sempre ao Talmud.

No 5º capítulo do tratado *Abot*, sempre do Talmud babilónico, faz-se um referimento claro sobre a origem do instrumento, que segundo o doutor *Matest M. Agrest*, seria inclusivamente, não terrestre. Diz-de depois que Moisés levou o *Shamir* ao deserto para construir o *Efod*, o rico paramento sagrado do antigo culto hebraico, destinado a *Aaron*, como estabelecido no pacto com o Senhor, ao qual faz referimento também a Bíblia (*Êxodo 28,9*): “... Pegarás depois em duas pedras de ónix e lhe esculpirás os nomes dos filhos de Israel: seis nomes em cima duma pedra e seis nomes na outra, por ordem de nascimento. Farás incidir as duas pedras com os nomes dos filhos de Israel por um incisor de pedra, como se incidem os sigilos, e encastrá-las-hás com encastres de ouro. Porás as duas pedras em cima das ombreiras de *Efod*... “ No Talmude Babilónico (*Sotah 48,8*) o evento é descrito com mais detalhes: “Num primeiro tempo os nomes tinham sido escritos a tinta”.

http://www.edicolaweb.net/nonsoloufo/tu_shami.htm

Shamir, na realidade, é um nome que vem dado em lembrança das características daquele objecto específico. Hoje representá-lo-íamos como um nastro cortante ou um raio de fogo. *Shamir*, portanto, é um nome que significa fogo que corta e, na nossa opinião, é uma representação ideica do Espírito. Num outro caso, o sujeito define algumas almas com uma série de fonemas que resultam ao ouvido como a palavra “aurim”. Em hebraico existe o termo *ha-urim*.

Tal termo deriva da união de dois termos, *ha* e *urim*. *Urim* é uma coisa que se utiliza com o *thummim*.

Urim e *thummim* são duas coisas que se põem na cabeça: uma no hemisfério direito e a outra no hemisfério esquerdo e estão ligadas entre elas com uma espécie de “haste”.

Encontram-se na recente bíblia dos mórmons na revelação que o anjo *Moroni* faz a *J. Smith*, o profeta daquela religião.

Seriam duas coisas que, oportunamente colocadas no cérebro, fariam sentir a voz do Senhor Deus, que poderia assim dar instruções, tramite elas, aos comuns mortais, por exemplo, para conduzir as tribos de Israel no deserto depois da expulsão do Egipto.

É incrível pensar que um Deus tenha tido necessidade de uma engenhoca electrónica, quase uns auriculares esteriofónicos, para dar ordens às suas criaturas, mas assim é.

<http://net.bible.org/dictionary.php?word=URIM%20AND%20THUMMIM>

Na realidade *urim* e *thummim* são duas coisas que interagem uma com o lobo direito e a outra com o lobo esquerdo do humano que fala com Deus e são definidas com o termo luz e perfeição. O termo *ha-urim* significa luz consciente e é um termo referido à parte anímica do sê. Onde o

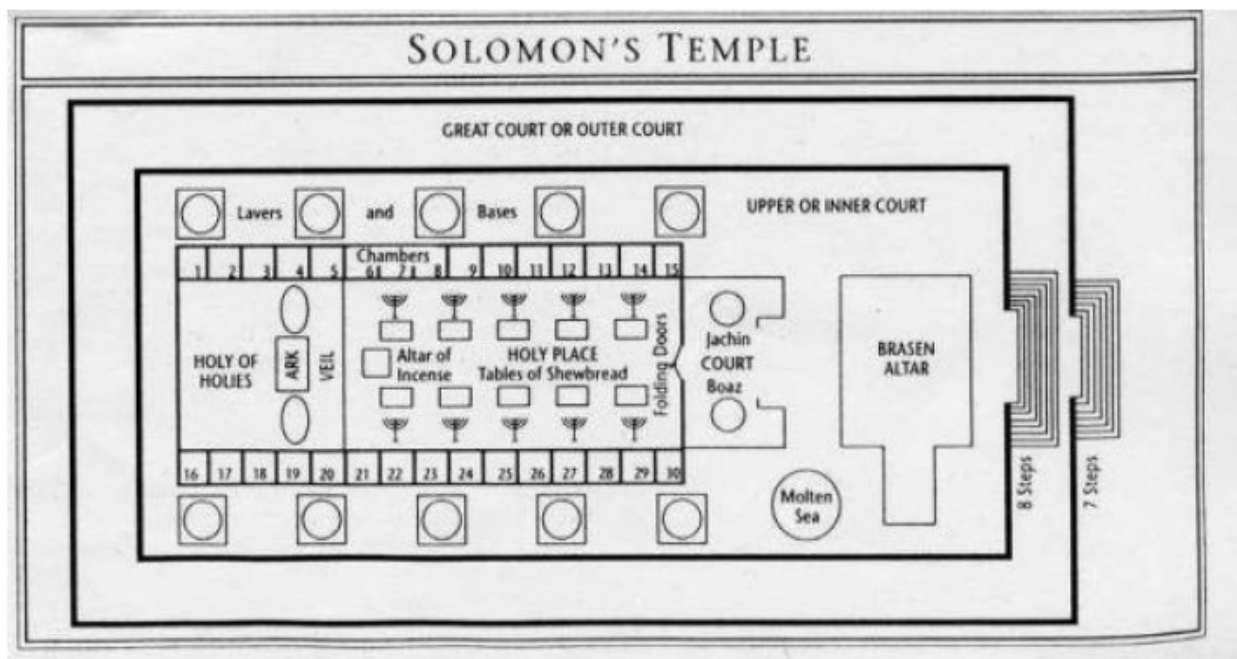
Thummim se refere à parte espiritual do sê e está ligada ao lobo esquerdo do cérebro. Se poderia postular que estas duas engenhocas fossem dois terminais que interagem com os lobos do cérebro do sujeito em causa, como os modernos microchip militares para alternar as consciências humanas e ser subservientes de aquilo a que os Hebreus de um tempo acreditavam fosse a sua divindade. (www.studirosacrociani.com , Corinne Heline)

“Unirás ao peitoral do júzo os Urim e os thummim. Serão assim em cima do coração de Aarão quando entrará à presença do Senhor para sempre” (Êxodo 28:30). Os Urim e os Thummim estiveram sujeitos a muitas especulações por parte das interpretações teológicas; mas, para além do facto que eles eram um meio através do qual o alto sacerdote aprendia a vontade divina, geralmente é-se de acordo no não conhecimento de que coisa efectivamente fossem. As palavras em hebraico são traduzidas como “clareza e justiça”, significando luz e perfeição. A causa da consciência humana não espiritualmente clara, nem plenamente identificada com a justiça divina, essa perdeu assim, de maneira total, a compreensão da verdadeira natureza das duas jóias mágicas no bolso do Peitoral, ou não é capaz de dar uma explicação das forças por eles focalizadas através das quais o alto sacerdote podia receber e transmitir ao povo as directivas da Lei Divina. Como todas as jóias do Peitoral, os Urim e os Thummim eram idóneos depositários de determinadas forças magnéticas em relação às Jerarquias celestes no cosmo, e aos correspondentes centros e atributos no corpo do Homem. Eram receptores negativos de forças positivas e podiam ser consultados -- por quem tinha a sabedoria para o fazer -- para o uso nos processos alquímicos que acompanhavam determinados exercício espirituais. As guias iluminadas daqueles tempos possuíam esta capacidade; era um conhecimento que pertencia aos Iniciados. Mas, desde que o Iniciação cessou, há muito tempo atrás, de ser reconhecida pelos responsáveis da Cristandade popular como um estado, ainda hoje perseguido, não podemos esperar-nos que uma autêntica informação entorno à natureza mágica dos Urim e Thummim possa provir de tal fonte. Para a conhecer é necessário virar-se para os ensinamentos que vêm das Escolas dos Mistérios, que a possuem e a distribuem nos dias de hoje como faziam em épocas passadas. As duas jóias no bolso do Peitoral têm um significado semelhante às duas ombreiras do efod. Essas focalizam as forças positivas e negativas do espírito; põem em relação os princípios do Fogo e da Água; são harmonizados respectivamente pelos centros da cabeça e do coração no corpo do Homem. Todos os altos sacerdotes tinham despertado estes dois centros, assim de os ter tornado a luz (Urim) e a perfeição (Thummim) do seu corpo. Desta maneira eles podiam usar as jóias como uma ajuda no dirigir a sua vista interior aos mundos espirituais, e ali aprender dos Seres Celestes a sua vontade para o seu povo. Além disso, podiam descobrir na Memória da Natureza qual destino estava delineado para um indivíduo ou uma raça sob qualquer circunstância e em qualquer tempo. Os Urim e Thummim não eram desprovidos de virtudes: esses eram excitados com aquilo que Boehme chama a “tintura” do espírito. Mas, a menos que, quem os leva não tenha desenvolvido os centros espirituais da cabeça e do coração até excitar também eles com a mesma “tintura” espiritual, as jóias, não resultariam dotadas de poderes mágicos superiores a duas pedras encontradas na berma de uma estrada. Com efeito, todas as pedras seriam preciosas se só o Homem soubesse alcançar as suas virtudes: embora no reino mineral como nos outros reinos, não todas as variedades presentes são de igual valor. Os Urim e Thummim não foram usados depois do Exílio; a luz e a perfeição das guias do primeiro Israel, como aquelas de Moisés e Aarão, tinham partido. Os sacerdotes Assírios usavam pedras correspondentes aos Urim e Thummim: esses chamavam-lhe as Tábuas do Destino. No Egipto, jóias análogas, portadoras das imagens de Osíris e Ísis, eram chamadas as Tábuas Sagradas. Em todos os lugares o significado era o mesmo. Queriam indicar a fusão dos poderes masculino e feminino, as forças conjugadas do Sol e da Lua”.

Numa outra ocasião encontramos-nos de frente a uma descrição específica que o abduzido de turno nos fazia enquanto via, numa visão que pertencia a uma sua existência passada, um pequeno templo, onde alguém lhe mostrava a entrada. Este templo era caracterizado por duas colunas, não muito grandes, que representavam a entrada. Uma dessas colunas, sobra a qual a atenção do nosso sujeito se focalizou, vinha definida, por uma outra figura que acompanhava o sujeito ao interno da sua visão, como “Boaz”.

Agora é necessário sublinhar como o nosso abduzido não conhece o hebraico nem línguas afins e não tem a mínima ideia do que fosse aquela coluna que, na sua visão, parecia assim importante. Na tradição hebraica, quando o templo de Salomão foi construído, ele tinha duas colunas à entrada, uma à esquerda que se chamava Boaz e uma à direita que se chamava Jachin.

<http://www.freemasons-freemasonry.com/larsonwilliam.html>



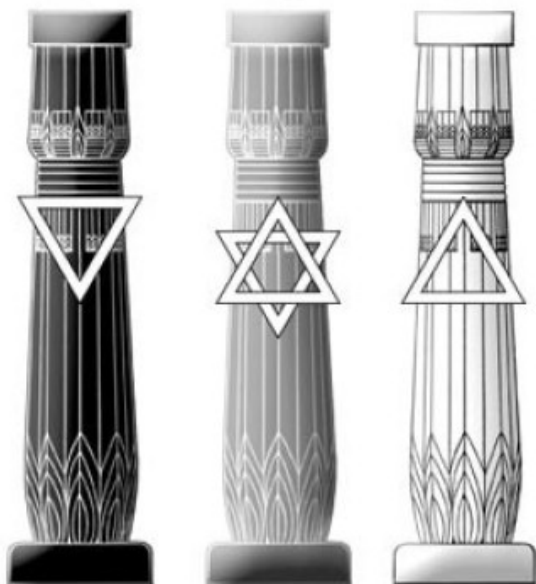
Estas duas colunas, na realidade, outro não são que a versão egípcia dos dois obeliscos do templo de Luxor, um dos quais se encontra em França, a Paris na Place de la Concorde.



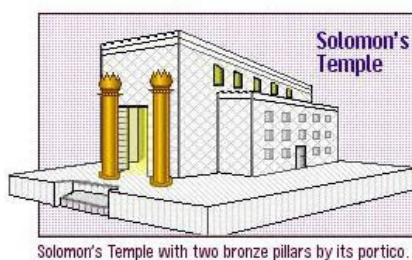
Estas duas colunas, aliás, também são exibidas orgulhosamente à entrada das lojas maçônicas de rito egípcio-israelita.

Mas, o que têm a ver estas colunas com o problema alienígena?

Na realidade, estas duas colunas são a representação de alguma coisa de muito mais antigo, que remonta ao mundo mesopotâmico e são a transfiguração do mito das colunas de Hércules, onde, de qualquer modo, para além, acaba o mundo conhecido e começa o desconhecido mistério do universo externo. Descobre-se assim que a visão da Kabbalah das três colunas verticais que a caracterizam, as duas anteriores são exactamente a representação daquelas duas colunas do templo de Salomão.



Jachin significa “o estabelecido” e Boaz “a força”. A estas duas colunas engatam-se os significados do feminino e do masculino e os sinais dos dois triângulos que se unem para dar uma ideia da esafala, a estrela de Davide que provavelmente é uma re-elaboração do projecto do nó de Salomão. Na realidade, estes signos representam arquetipicamente a união entre a parte espiritual e aquela anímica dos alquimistas europeus.



Solomon's Temple with two bronze pillars by its portico.

<http://www.templesecrets.info/pillars.html>

A Tábua direita da Lei (o [Decálogo](#) de [Moisés](#)) significa, aliás, Jachin - a coluna branca da luz. A Tábua esquerda, Boaz – a coluna obscura das trevas. Estes eram os nomes das duas colunas de bronze erguidas no vestíbulo do Templo de Salomão.

Deve ser imediatamente notada a analogia com a situação alienígena, onde existem a luz e as trevas, os alienígenas com corpo e aqueles sem corpo, que no mito representam o inferno e o diabo dos católicos.

No topo de cada coluna havia uma grande bacia – agora definidas, erroneamente, esferas ou globos. O globo celeste (originariamente a bacia do fogo), posto em cima da coluna da direita (Jachin), simbolizava o Homem divino. O globo terrestre (a bacia da água), posto em cima da coluna da esquerda (Boaz), significava o Homem terreno (aquele sem alma, terreno no sentido de não evoluído). Estas duas colunas conotavam, respectivamente, também a expressão activa e passiva da Energia Divina: o [Sol](#) e a [Lua](#), o [Enxofre](#) e o [Sal](#), o bem e o mal, a luz e a escuridão.

Entre elas está o Santuário. Elas são uma referência a [Yahweh](#) seja como andrógino, seja como divindade antropomorfa.

Como colunas paralelas denotam os signos do zodíaco de [Carangueijo](#) e do [Capricórnio](#), no início estavam posicionadas na câmara da iniciação para representar o nascimento e a morte – os extremos da vida física.

De consequência, significam o [Solstício](#) de verão e de inverno, hoje conhecidos aos [Framaçãos](#) ([Framassoni](#)) sob o moderno apelido de os “dois S. João”.

Na misteriosa [Árvore das Sephiroth](#) hebraicas, estas duas colunas simbolizam a Misericórdia (Jachin) e a Severidade (Boaz).

Estando frente à entrada do Templo de Salomão, estas colunas têm a mesma valência dos [Obeliscos](#) frente aos santuários egípcios. Quando interpretados cabalisticamente, os nomes das duas colunas significam “Com a força a Minha demora será estabelecida”.

(“Ensinos secretos de todos os Tempos” de Manly P. Hall, p. 307-8).

Algumas variantes dos [Tarot](#) têm no revés da carta da Sacerdotisa (a Lua) Boaz e Jachin.



Mais uma vez tínhamos uma chamada à língua hebraica, à Kabbalah hebraica e às suas incontestáveis conexões com a cultura egípcia, da qual os Hebreus atingiram a mãos cheias. Alguns anos atrás encontrei uma abduzida com uma cultura puramente elementar que não sabia porque sentisse necessidade de escrever coisas em folhas e enrolá-las depois de as ter unido uma abaixo da outra. Mostrou-me as folhas e noto que tinha escrito de maneira bústrofédon intervalando palavras em italiano a palavras em hebraico. Desenhava a Kabbalah mas não sabia absolutamente o que tivesse escrito. Enrolava estes escritos à maneira dos sacerdotes hebreus que conservavam as escrituras como se fossem rótulos sagrados.

Hp fala hebraico

Encontrei pessoas que escreviam em aramaico, mas o máximo obtive-o quando conheci um abduzido que depois da sua libertação assumiu a capacidade de passar a um estado de consciência alterada. O processo não parecia ainda pilotável pelo abduzido e parte sem pré-aviso. Numa daquelas situações o sujeito ao computador começou a escrever em hebraico, em grego e em italiano, alternando as escrituras. A coisa interessante era dada do facto que os caracteres ao computador mudavam “espontaneamente” do grego ao hebraico para tornar por nós inteligíveis em italiano.

O tudo acontecia debaixo dos olhos de testemunhas enquanto o sujeito não tinha consciência daquilo que escrevia.

A análise das escrituras efectuadas, com oportunos motores de tradução, permitiram estabelecer que o sujeito escrevia seja em italiano, que nas outras duas línguas, as mesmas sensatas frases.

Reproduzo aqui de seguida o que foi escrito naquela ocasião passando de uma língua a outra, sem que quem escrevesse soubesse nem sequer como mudar o set de caracteres no computador:

... O sujeito, em presença dos seus parentes, estava chatando ao computador com um seu amigo quando começa a estranha comunicação. O sujeito não está falando ao seu amigo mas está dando comunicações. Está, de qualquer modo, interagindo numa outra dimensão temporal com alguém...

Tu não deves temer; recorda-te, tu serás ali quando o tempo dos homens está para acabar; terás acesso não fácil, mas encontrarás homens que te reconhecerão o percurso obscuro iluminado da luz da pedra. A tábua será no final do percurso teu deus absoluto não afogar na dívida de ti próprio. O rei que espera não realiza a salvação do povo. A tábua será posta às portas da grande sala. Para chegar terás de te embater naquilo que já conheces. Será fácil desafiar o labirinto das espinhas em brasa. No final porás as tuas mãos sobre a pedra cor vermelha escorrerá das tuas mãos e com essas molharás os teus lábios.

Falarás, a voz do teu povo. Mas não bastará uma só língua, as portas se abrirão e entrarás na sala do fogo, descerás nas turbinas do tempo: tudo anulará tudo e quando os fogos se abrirão à tua frente re-encontrarás o povo dos deuses. Grande luta, energias atómicas envolverão as gentes. O

grande deus perecerá. E o rei da grande pirâmide subirá ao trono da nova Marna, retornará à sua gente. Nunca o rei utilizou soberbia, inúteis palavras, para justificar quem não deixou rastros. Khufu, Ósirís deixou ao rei grande quantidade de informações. O todo posto ao lado de Zed, ponto de contacto entre o céu e a terra, onde também Enoch foi a visionar os grandes deslocamentos, aqueles que convivem com os tempos pertencem ao reino dos céus. Tu não perecerás Khufu. Riash é a salvação, persegue a salvação. Riash brotou das águas de Maska. Serão os homens de lata, não podereis cheirar o ar. Homens de prata vestidos, carnes já destruídas com dentro a grande divindade.

A este ponto o sujeito começa a escrever em hebraico: nós reproduzimos a tradução que tentámos efectuar...

Visita a nossa vida de vê-lo num ângulo do nosso salão a paz e a calma, serenidade, o passo; grande homem tu sabes como proceder porquê temor? O menino crescido aos verdes ramos a beber na torrente da curiosidade...

Chegou o momento de prosseguir aquilo que não terminaste.

Olha dentro de ti e deixa que os meus pensamentos “te tomem para além do real” (na realidade a tradução literal era: “toma-as sem uma real” e tentámos uma interpretação não conhecendo o hebraico: N.d.A.).

Dom maior que tu te é o nosso desenvolvimento espiritual (a mesma frase vem perfeitamente repetida em italiano).

O crescimento espiritual é o dom que pode dar si mesmos.

Ofuscar (o sujeito escreve com uma efe só) o diamante para saber o brilhante futuro de um homem, tu sabes, tu podes, não por acaso nasceste daquela origem. O nosso povo aclama a salvação, a paz, a dinastia de David. Não deixar-te aprisionar nas margens do tempo.*

Tu escolheste.

* [em italiano escreve-se com duas f]

A este ponto da conversação o abduzido parece interagir com o seu interlocutor que não consegue entender com quem está na realidade chatando e diz-lhe alguma coisas sobre o tempo e o espaço e escreve-lhe:

tempo... espaço X, Y, Z.

O abduzido responde interagindo com ele por um átimo e escreve

$P(x,y,z,t).$

$c = \Delta c = \Delta l / \Delta t$

$\Delta s_2 = c_2(1-3)_2 - (10-4)_2 - (3-1)_2 - (2-5)_2 =$

Depois continua o seu discurso...

Pertenço aos filhos de David, Noah o messias educado a seguir a voz de Deus é perto.

O interlocutor então acrescenta:

hemmmm.. estou um bocado confundido... estás-me a fazer uma brincadeira de proporções bíblicas de verdade

E o nosso abduzido diz:

Não confundir, tu seguirás o nosso povo quando estarás pronto a activar a máquina.

O Messias olha e atende.

Todos os povos evoluídos em energia me escutarão, estas mensagens são sempre mais frequentes.

O interlocutor, que não sabe para onde se virar, tenta um colóquio e responde:

aqui falas dos círculos no trigo?

E o abduzido responde:

aquela foi a nossa primeira abordagem esta comunicação é imediata

Aquí o sujeito escreve uma palavra em hebraico não traduzível depois escreve

Yehoshua (com um acento circunflexo na “e” e na “s” e uma cedilha na “u”. O computador onde digito não prevê estes acentos para estas letras)

Salvação tornará, o filho de David (estas três últimas palavras são escritas em grego).

O filho de David escuta, não iniciar com ímpeto, Rei dos judeus (em hebraico) *vi uma explosão nuclear... e estava vestido de ouro: não pensar ao passado. O passado é nunca e sempre. Deus está em ti* (em grego).

A alma é uma parte de Deus (em grego).

Um nome impronunciável em hebraico... *é filho de Deus* (em grego. Deus em grego traduzido ressoa Zeus: N.d.A.)

Tu és o filho, o filho do homem e de Deus.

Deus (em grego) *está dentro de ti abre a mente* (dirigindo-se ao seu interlocutor do outro lado de Internet).

É tempo de deixar este mundo.

Em Alnitak reina a matemática, nada é vida agora como os seus habitantes tudo é visão virtual, nós não podemos entrar em guerra, nós povo divino, ajudem-nos nós retornaremos.

A comunicação continua com perguntas e respostas que não é o caso de sublinhar neste artigo. A única coisa interessante que o abduzido ainda diz é a seguinte expressão...

A nossa filha comunica-te... etc.

Este colóquio digno dos X-files mais complicados, na realidade mostra características particulares e fornecem-nos alguns dados importantes. Antes de mais, um utilizo preferencial do hebraico, uma série de mudanças de acentos e caracteres também matemáticos que não podem ser efectuados senão utilizando um mínimo tempo que, ao invés, resultavam imediatos ao interlocutor que tem à sua disposição o tabulado temporal de réplica.

O sujeito que fala, dá informações sobre a sua identidade. Ele fala a língua dos pais que, veremos, ser o hebraico. Diz claramente que o povo de Alnitak (a principal estrela da faixa de Orion), isto é, o lugar onde segundo as nossas reconstruções, vive o alienígena denominado Horus, tanto é um lugar no qual tudo acontece virtualmente e onde os alienígenas tanto, são de considerar-se múmias viventes e sem esperança.

O sujeito que fala através do nosso abduzido que era uma mulher, chama-a de “nossa filha”.

Com esta expressão manifesta-se nos simbad sempre e somente a figura do Homem primeiro, do Adam Kadmon, criador dos alienígenas e desfrutador dos nossos abduzidos.

Ao mencionar a matemática acrescenta conceitos para nós reais como “c”, isto é, a velocidade da luz, depois acrescenta o tempo à sequência de variáveis espaciais. Devemos notar como o sujeito, que de abduzido se faz “inconsciente tramite” deste Hp, não tem as bases matemáticas para saber cosa esteja escrevendo. Hp depois lança-se numa sequência matemática primeiro escrevendo uma simples equação diferencial e depois traçando uma série matemática que assim de repente não sei interpretar.

Diz que o universo não é local nem no espaço nem no tempo e que existem duas coisas a fazer, uma procurar espécie de placa ou talvez um livro a “activar” senão eles não podem tornar. Hp sustém

que os crop verdadeiros os fizeram eles e também este pormenor nos tinha parecido claro até ao 2002.

Nas hipnoses efectuadas com este sujeito inclusive na presença de médicos do hospital Santa Clara de Pisa, o sujeito tinha já falado em línguas semitas e foi capaz de interagir para-normalmente com a virtualidade de modo muito marcado.

Hp tentou, no passado, mais vezes de o bloquear, de o copiar, de introduzir-lhe dois estranhos microchip no crânio (talvez os míticos urim e thummim de que falávamos antes), mas a alma parece que tenha dado um abanão também ao Hp e desde então o sujeito parece não ser nem abduzido nem incomodado por este Adam Kadmon que quer tornar como vencedor no nosso mundo (às nossas custas e dos alienígenas).

Hp diz que não pode fazer a guerra às suas criaturas. Este pormenor que emerge da conversação é idêntico àquilo que emerge dos dados em nosso possesso obtidos utilizando abduzidos libertados. Hp não mata as suas criaturas, não por perseguir fins éticos, mas porque lhe servem para fazer o trabalho sujo sobre a Humanidade.

Um outro aspecto comum desta conversação é aquele que diz respeito à existência de uma máquina ou qualquer coisa do género que deve ser manipulado para permitir a Hp de levar ao termine o seu trabalho.

Hebraico língua moderna?

Mas Hp não pode falar em hebraico ainda se a alma diz isso em hipnose. Ela diz que o hebraico é a língua dos pais. Assim, tivemos que fazer uma busca linguística sobre o hebraico para entender de onde vinha este emaranhado de fenómenos que tecnicamente não deveria ser mais velho que 1700 anos antes de Cristo. Portanto, não poderia ser esta a língua de Hp... um ser que tecnicamente será velho quase como o Universo.

O hebraico tem uma característica interessante. É uma língua, mas também um conjunto de números e fórmulas. Há quem retém que a língua que Deus deu a Abraão é também qualquer coisa que diz respeito ao seu ADN, é uma série de instruções, arquetípicas, com que o Universo foi construído, portanto, mais que uma língua é uma série de fórmulas que descrevem o tudo. Os kabbalistas mais convencidos traduzem também a Bíblia em números e conseguem, com oportunos programas, crer de poder fazer previsões utilizando aquele seu texto sacro como uma espécie de código secreto onde a cada palavra e a cada erro na palavra, existe uma razão que lhe identifica um significado espaço-temporal.

<http://emol.org/kabbalah/qbl/index.html>

<http://kabbalah-software.software.informer.com/>

<http://free-kabbalah.smartcode.com/>

<http://www.kabbala.info/>

http://software.ivertech.com/_ivertechSearch1_kabbalah%20software.htm

<http://kabbalah-tarot.softplatz.net/>

Mas uma coisa sabemos-a.

O povo hebraico como tal nunca existiu.

Mas, falemos com as palavras de Lorena Bianchi e façamos o ponto da situação

<http://www.satorws.com/bahir.htm>

“A realidade histórica conta-nos que os Egípcios não tinham escravos, não sendo um estado imperialista e conquistador; no período em que teoricamente os Hebreus residiram nas margens do Nilo, assistimos à invasão dos Hyksos. Nome derivado do hieróglifo Heqa Kasut, que quer dizer “soberanos dos países estrangeiros”, este povo invasor da estirpe semítico-cananeia provinha de Anatólia e soube enfiar-se no Egipto aproveitando-se de um vazio do poder político. Conquistada Menfis, por volta de 1700 BCE com o rei Salitis, os Hyksos não destruíram o sistema político e administrativo egípcio mas simplesmente se amalgamaram na sociedade, adoptando como capital a cidade de Aváris e como a sua divindade principal o Deus do Mal Seth, irmão e assassino do benéfico Osíris.

Ao lado dele adoptaram também duas divindades cananitas, Anat e Ishtar, deixando em todo o caso

a liberdade de culto ao povo egípcio. Esta trindade perdurou por duas Dinastias, a XV e a XVI, durante as quais os soberanos Hyksos (entre os quais se destaca o nome de Khyam, um verdadeiro Júlio César da época) estenderam a sua influência em Palestina, Creta, Anatólia e Núbia. Paradoxalmente, foi próprio graças a intervenção dos reis núbios que o Egito se libertou do jugo estrangeiro e se tornou independente, ainda se o povo Hyksos não deixou o país e continuou a viver misturado com a sociedade multi-étnica faraónica até pelo menos ao evento de [Akhenaton](#), o soberano “herético” que impôs o culto do Deus Aton, o disco solar.

A questão fez correr rios de tinta: poucos anos depois da presumível deposição de Akhenaton, ou pelo menos, do seu desaparecimento, a Bíblia inseriu o famoso episódio do Êxodo do povo hebraico do Egito e da escravidão. Uma coincidência não credível historicamente, e que fez identificar no Akhenaton monoteísta o Moisés chefe e guia de Israel monoteísta. Com eles os Hebreus levaram um objecto que tem as mesmas dimensões do sarcófago contido na Câmara do Rei na Pirâmide de Quéops: a [Arca da Aliança](#) talvez não foi feita construir pelo próprio Moisés, mas foi um furto de um objecto incrivelmente potente e no qual se materializava exactamente a Shekinah, a presença de Deus. Não é portanto difícil hipotizar que os hebreus em fuga do Egito sejam os mesmos descendentes dos Hyksos, adoradores de uma divindade masculina, potente e vingativa como é o Aeth egípcio, acompanhado no entanto de maneira subalterna por uma “consciência” feminil e materna, mas não menos terrível e potente, enquanto capaz de nutrir (a Mana do deserto) e matar. A Shekinah, representada como entidade consciente, que sofre e chora a materialidade culpada dos seus filhos, com certeza foi modelada sobre a figura da Deusa Isis, omnipresente nos nossos artigos enquanto arquétipo primitivo da Madre Terra. Isis, depois da morte do marido Osiris por obra do irmão Seth, é feita prisioneira e encadeada como escrava do mesmo Seth. Impotente, ainda se senhora da Magia e dos Elementos, chora, desespera-se, é justamente prostrada pela situação dramática em que se encontra. A Shekinah que chora e sofre pelo destino de Israel de viver em Exílio representa o sentido do Homem que é constricto a materializar-se, a viver numa dimensão não sua, não adapta à sua divindade interior. Cada Homem para a Kabbalah é portanto um Deus, no sentido da Estrela de David de “como no Céu assim na Terra” assume todo um outro significado. O divino faz-se humano, cada nossa acção, até a mais banal, porque o universo é em balia do Deus do Caos e da esterilidade: o seu desejo é gerar o Horus, o salvador, aquele que tomará o lugar de Osiris derrotando o usurpador de Seth. A Shekinah chora o exílio do Homem da Ein Soph, da comunhão com a divindade (os Orientais diriam do Nirvana), mas deseja gerar o salvador, o Messias. Os cabalistas, a partir de Bahir, mas segundo uma linha narrativa que se manifestará no sucessivo Zohar, contam-nos que somos nós, os seres humanos, o Messias. Somos nós com as nossas acções infinitamente pequenas, a condicionar o infinitamente grande. O Caos, o Mal, é gerado por nós: Adão saiu da divindade, quis experimentar a materialidade e eis-nos prisioneiros de uma dimensão baixa, a contacto com energias obscuras e confusas, que não nos consentem de avistar a luz primordial de onde vimos. O sentido do exílio é a expulsão de Adão do Paraíso Terrestre, mas também a fuga de Israel do Egito, a seu cativeiro babilónico, a Diáspora depois da destruição do Templo de Jerusalém e todos os pogroms e as perseguições que os Hebreus subiram, quase passivamente, na sua história.

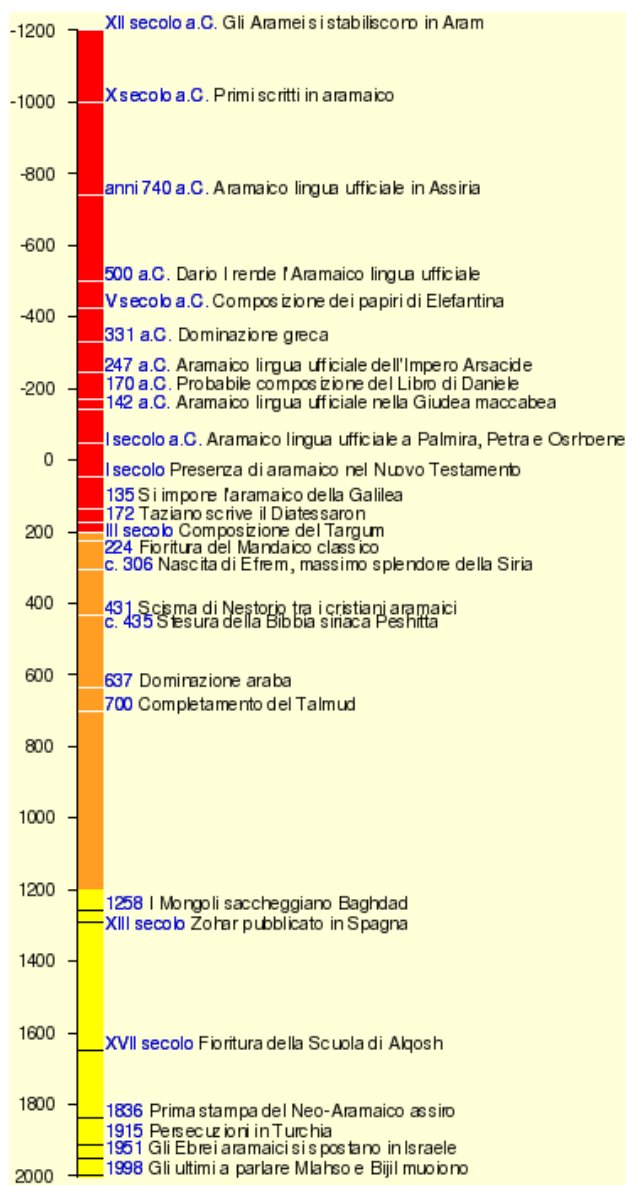
Até chegar ao momento do aniquilamento final com o Holocausto nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Hoje Israel é um estado imperialista, em cinquenta anos combateu cinco guerras, no pleno espírito bélico de Hyksos: mas perdeu a Shekinah, perdeu o espírito cabalista. O cabalista é um iniciado, que procura a presença de Deus no mundo.”

Na realidade, a mesma figura mitológica de Jesus de Nazaré não pensava minimamente a falar hebraico, mas falava uma língua progénita que era o aramaico.

O aramaico é uma língua muito antiga portadora de grandes tradições.

As suas similitudes com o hebraico moderno estão sob os olhos de todos e as duas línguas assemelham-se tanto de parecer uma única língua, compreendida perfeitamente pelos Hebreus. Vamos mais atrás no tempo e procuremos as origens deste idioma nas extremas origens.

Apercebemo-nos assim que chegamos com o Aramaico a pelo menos 1200 anos antes de Cristo.



O aramaico e o semita estão estreitamente relacionados com o hebraico. Originalmente a língua dos Arameus, um antigo povo do Médio Oriente, foi usada, com vários dialectos em Mesopotâmia e na Síria antes de 1000 a.C., depois tornou-se a língua franca do Médio Oriente, substituindo o acadiano. Sobreviveu à caída de Nínive (612 a.C.) e Babilónia (539 a.C.) e ficou a língua oficial da dinastia persiana dos aquemênidas (559 a.C.) até que não foi substituída pelo grego em seguida às conquistas de Alexandre o Grande. Antigas inscrições em aramaico foram encontradas numa vasta área que se estende do Egipto à China; os mais antigos textos escritos são do século IX a.C. Antes da era Cristã, tornou-se a língua dos Hebreus da Palestina. Jesus predicava em aramaico e em aramaico estão escritas partes dos livros bíblicos de Esdras, Daniel, e muita literatura rabínica. Subdivide-se em antigo aramaico, aramaico imperial, aramaico ocidental (compreende o palestiniense e o galileu), aramaico oriental (compreende o siríaco). Em siríaco floresceu uma abundante literatura cristã, especialmente do III ao VII século. O influxo e a difusão do aramaico foram menos em favor do árabe nos tempos da

conquista árabe do VII séc. d.C. O aramaico sobrevive hoje como língua falada somente em poucas comunidades jordanianas, enquanto o siríaco é ainda utilizado como língua litúrgica em algumas comunidades cristãs da Síria, Líbano, Turquia, Iraque e Irão. Os Arameus eram um povo nómade Semita mencionado seis vezes na Bíblia hebraica, que morava na Mesopotâmia (Bayn Naharaim, "Entre os dois rios", o Aram-Naharaim, o "Aram dos dois rios") e nas regiões vizinhas que fazem parte dos modernos estados da Turquia, Síria, Irão, Iraque, Jordânia e Líbano. A maior parte dos estudiosos retém que os "dois rios" em questão sejam o Tigre (estando ao Livro dos Jubileus) e o Eufrates. Os autores da Jewish Encyclopedia [<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/1701-aram-naharaim>] entre 1901 e 1908, não encontraram o nome Aram nas inscrições de babilónica ou "Assiria" mas, baseando-se no conteúdo de três tábuas das "Le lettere di Amarna", identificaram o Naharaim com o Nahrima.

O termo "aramaico" era utilizado na antiguidade pelo Judeu para distinguir os seus "primos" mais distantes, que moravam a oriente (Aram) dos Arpachshad (ditos também tribú dos "Figli di Eber" Filhos de Eber). No entanto, os Arameus não formaram nunca um estado unido, antes, esses estavam acostumados ao uso do "Aramaico" que na origem era escrita utilizando o alfabeto fenício "Alfabeto fenício". Na época dos impérios babilónico e persiano "Persia", o aramaico tornou-se a Língua franca "Lingua franca" de todo o vizinho Oriente "Vicino Oriente".

http://spazioinwind.libero.it/popoli_antichi/altro/mesopotamia.html

Portanto os Babilónicos falavam algo muito semelhante ao Arameu.

O teatro da nossa pesquisa desloca-se então do Egipto à Mesopotâmia.



O passo seguinte

A nossa ideia está ligada à hipótese que, na realidade, a cultura babilónica (e somos a doze mil anos antes de Cristo) derive de uma cultura muito mais antiga, aquela do vale do Indo.

Tornando atrás no tempo, a cultura seria-se deslocada sempre mais a oeste chegando ao Egipto e passando pela Mesopotâmia proveniente do Paquistão e da civilização de Arappa e Moenjio Daharo.

Esta passagem é a mais difícil de demonstrar porque no meio teve o dilúvio universal que destruiu todas as conexões entre o antes e o depois, entre a civilização dos Vímara, as antigas máquinas voadoras dos Homens que habitavam no vale do Indo e que segundo os antigos textos Purana faziam a Guerra às correspondentes máquinas voadoras de uma terra chamada Aztlan, os Ashvin. Mas alguma coisa podemos supor.

Sabemos que as lendas dos Hebreus e os seus mitos foram primeiro mitos dos Egípcios e antes ainda dos Babilónios, mas antes ainda dos Arianos do vale do Indo e isto não pode que ter uma explicação.

Tudo vem do vale do Indo. Fazemos só um exemplo que nos permitirá de re-conectar Babilónia, as suas lendas e a sua língua, àquela do vale do Indo.

Um anónimo em Internet escreve quanto segue e nós reproduzimos directamente as suas palavras que podeis encontrar nestes link:

http://www.menphis75.com/diluvio_universale.htm

http://www.unknown.it/ipotesi/il_diluvio_universale/

Dado que a Arca de Noé aterrou nas montanhas de Ararat (as montanhas que re-emergiram no final do Dilúvio), não parece estranho que a progénie de Noé migrou para baixo verso o vale do Rio Tigre das montanhas para fundar as primas civilizações post-Dilúvio, como Sumer, Akkad, Uruk e Nimrud (que de seguida se tornou Babilónia), Haran, Jerico e Sidon (Fénicia), e mais para lá do Egipto o vale do Indo no nordeste da Índia. (Os rios Tigre e Eufrates foram assim chamados com base nos dois dos quatro rios pré-Dilúvio mencionados na Bíblia que fluíam do Jardim de Éden). Antigas lendas Babilónicas falam de uma série de dez reis pré-Dilúvio, os antigos Hindú (Índia norte-occidental) falando de uma série de Dez Pitris que reinavam antes do Dilúvio universal e os antigos Egípcios descrevem Dez Sábios que reinaram consecutivamente antes do Dilúvio. Como também a Bíblia afirma, estes patriarcas pré-Dilúvio viviam mais de quanto não fazemos nós e isto

foi confirmado pelos antigos históricos Beroso, Nicolau de Damasco, Hesíodo, Platão, Hecataeus, Mochus, Hieronymus, e Manetho.

O último destes reis no supramencionado elenco foi o herói que conduziu outros sete a bordo do navio com o qual sobreviveram ao dilúvio Universal.

Na antiga Babilónia, o nome do herói era Zisudra, que permitiu a sobrevivência de outros sete humanos, os Sete Apkallu. No antigo Egipto, o herói do Dilúvio era Toth, sobrevivente ao Dilúvio junto com Sete Sábios. Na antiga Índia norte-ocidental, o herói era Manu que sobreviveu ao Dilúvio global, “pralaya”, com os Sete Rishis.

As coincidências são embaraçosamente demasiadas para que estas civilizações, aparentemente distintas, tivessem todas a mesma legenda de um Dilúvio Universal (com oito pessoas sobreviventes provenientes da população pré-Dilúvio, guiada por uma série de dez reis), para que não se trate de história verdadeira que corrobora o conto da Génese.

Além disso deve-se dizer que a Kabbalah hebraica tem muitos pontos em comum com a filosofia indiana dos Pitris <http://www.sacred-texts.com/eso/osi/osi26.htm>. Não deveríamos esquecer que a Índia, aquele imenso centro luminoso de cultura dos períodos mais arcaicos, para além de espalhar as relativas ideias a leste, por obra de fortes ondas migratórias a partir dos tempos mais longínquos, mantinha contactos constantemente com toda a gente da Ásia. Todos os filósofos e estudiosos da antiguidade foram à Índia estudar a ciência e os mistérios da vida. Não é, portanto, surpreendente que nos períodos da sua permanência na Índia os anciãos dos Hebreus tenham sido iniciados pelos Magos Persianos às velhas concepções dos Brahmanas.

Alguns extractos do Sepher Jeszireh e do Zohar, os dois mais importantes textos da Kabbalah quanto à natureza de Deus, a criação e a alma humana, indicam sem sombra de dúvida que a ideia de um forte influxo, que leva a concluir que a Kabbalah hebraica seja na realidade um subproduto da tradição védica, parece historicamente correcta <http://www.newkabbalah.com/Indian.html>.

E a história dos Pitris perde-se nas pregas do tempo dos tratados esotéricos mais antigos do mundo como “Estâncias de Dzyan”.

Segundo o livro de Dzyan, os primeiros homens da Terra eram descendentes dos Celestes ou Pitris, vindos da Lua.

O texto descreve a evolução do Homem da primeira raça até à quinta – a nossa – que pára na morte de Krishna, cinco mil anos atrás. Escrito numa língua absolutamente desconhecida, o Senzar, diz-se que seja estado ditado aos Atlântidos por seres divinos. O Livro de Dzyan fala das dinastias atlântidas divinas e «rei do Sol» que ocupavam «tronos celestes».

Portanto os Hebreus tinham estruturado a Kabbalah mas não eram com certeza os primeiros a ter-se inventado os conteúdos desta cosmogonia.

É de sublinhar neste momento, como muitos abduzidos quando escrevem alfabetos a si desconhecidos mostrem em especial três tipos de alfabetos ou escrituras que são, o hebraico, o aramaico e o sânscrito.

O aramaico e o sânscrito ainda se linguagens escritas aparentemente muito diferentes parecem possuir (<http://www.bifrost.it/Lingue/Sanscrito.html#1>) uma linguagem com os mesmos idênticos fonemas. Tanto é verdadeiro que alguém acreditou de poder confundir as duas línguas numa frase que Jesus de Nazaré teria pronunciado na cruz, "Eloí, Eloí, lemà sabactàni?" que em aramaico quereria dizer “Deus, Deus, porque me abandonaste?”, seria ao invés estada pronunciada assim como segue "Eli, Eli, lamma zabaktani" significa em sânscrito “Senhor, Senhor, recebe-me na tua luz”; a universidade de Bombay (hoje aquela cidade chama-se Mumbai) está a traduzir 84.000 páginas de pergaminhos em língua Pali que parece que descrevam minuciosamente os dias de Jesus na escola veda a Ladhak, onde teria vivido dos 12 aos 30 anos.

<http://www.marcovasta.net/libreria/Ladakh/LadakhLibreriaNews.asp?id=1533>

Portanto, provavelmente, a resposta poderia ser aquela mais óbvia e que nos faria pensar que Jesus de Nazaré não é o Cristo ou Krishnah, o qual de certeza não se mexeu do sua terra natal para ir estudar com as tribos Sufi. <http://www.fainotizia.it/2007/04/27/krishna-influssi-sulle-origini-del-cristianesimo>

Krishnah, na Índia foi e é um personagem provavelmente anti-diluviano cuja legenda passou o muro do dilúvio para chegar, primeiro na civilização do vale do Indo, para depois passar à Mesopotâmia, no Egipto e portanto ao mundo hebraico. E quando a legenda essencial sobre este Homem foi prelevada dos

hebreus, estes tiveram que fazer tornar as contas para a tornar credível e politicamente rentável para os próprios fins políticos.

Porque não existem dúvidas sobre o que sustentamos, reproduzimos alguns pontos da vida de Krishna que parecem a fotocópia da vida de Jesus de Nazaré.

- Krishna nasceu da Virgem Devaki (“A Divina”) o 25 de Dezembro.
- Seu pai terrestre era carpinteiro, e estava fora da cidade para pagar o imposto quando nasceu Krishna.
- O seu nascimento foi assinalado por uma estrela do Leste e pela presença de anjos e pastores, período durante o qual lhe foi feito um dom de especiarias.
- Os exércitos celestes dançaram e cantaram no seu nascimento.
- Ele foi perseguido por um tirano que ordenou o massacre de milhares de infantes.
- Krishna foi unto na cabeça com óleo de uma mulher que o curou.
- Ele é representado com o pé em cima da cabeça de um serpente.
- Ele fez milagres e maravilhas, ressuscitando os mortos e curando leprosos, surdos e cegos.
- Krishna utilizou as parábolas para ensinar ao povo a caridade e o amor e ele “viveu pobre e amava os pobres”.
- Ele fustigou o clero, acusando-o de “ambição e hipocrisia... A tradição diz que foi vítima da vingança deles”.
- O “discípulo amado” de Krishna foi Arjuna o Ar-jouan (João)
- Ele transfigurou-se à frente dos seus discípulos.
- Ele deu aos seus discípulos a capacidade de fazer milagres.
- O seu caminho foi “repleto de ramos”.
- Em algumas tradições ele morreu numa planta e foi crucificado entre dois ladrões.
- Krishna foi assassinado à idade de 30 anos, e o sol obscureceu-se à sua morte.
- Ele surgiu dos mortos e subiu ao céu “à vista de todos os homens”.
- Ele foi representado numa cruz com os buracos dos pregos nos seus pés, assim como também com um emblema de um coração nas suas vestes.
- Krishna é o “leão da tribo de Saki”.
- Ele foi chamado o “Pastor de Deus” e considerado o “Redentor”, “Primeiro Nascido”, o “Portador de Pecado”, “Libertador”, “Palavra (Verbo) Universal”.
- Ele foi retido o “Filho de Deus” e o “nosso Senhor e Salvador”, que veio à Terra para morrer para a salvação do homem.
- Ele era a segunda pessoa da Trindade.
- Sustem-se que os seus discípulos lhe atribuíram o título de “Jezeus” ou “Jeseus”, que significa “essência pura”.
- Krishna deverá tornar para julgar os mortos, cavalgando um cavalo branco e a conduzir a batalha contra o “Príncipe do Mal”, que desolará a terra.

A história de Krishna como registada nas antigas lendas Indianas e nos textos, penetrou o Ocidente em várias ocasiões. Uma teoria sustém que a adoração de Krishna tenha chegado à Europa assim antigamente no 800 A.C., provavelmente levado pelos Fenícios.

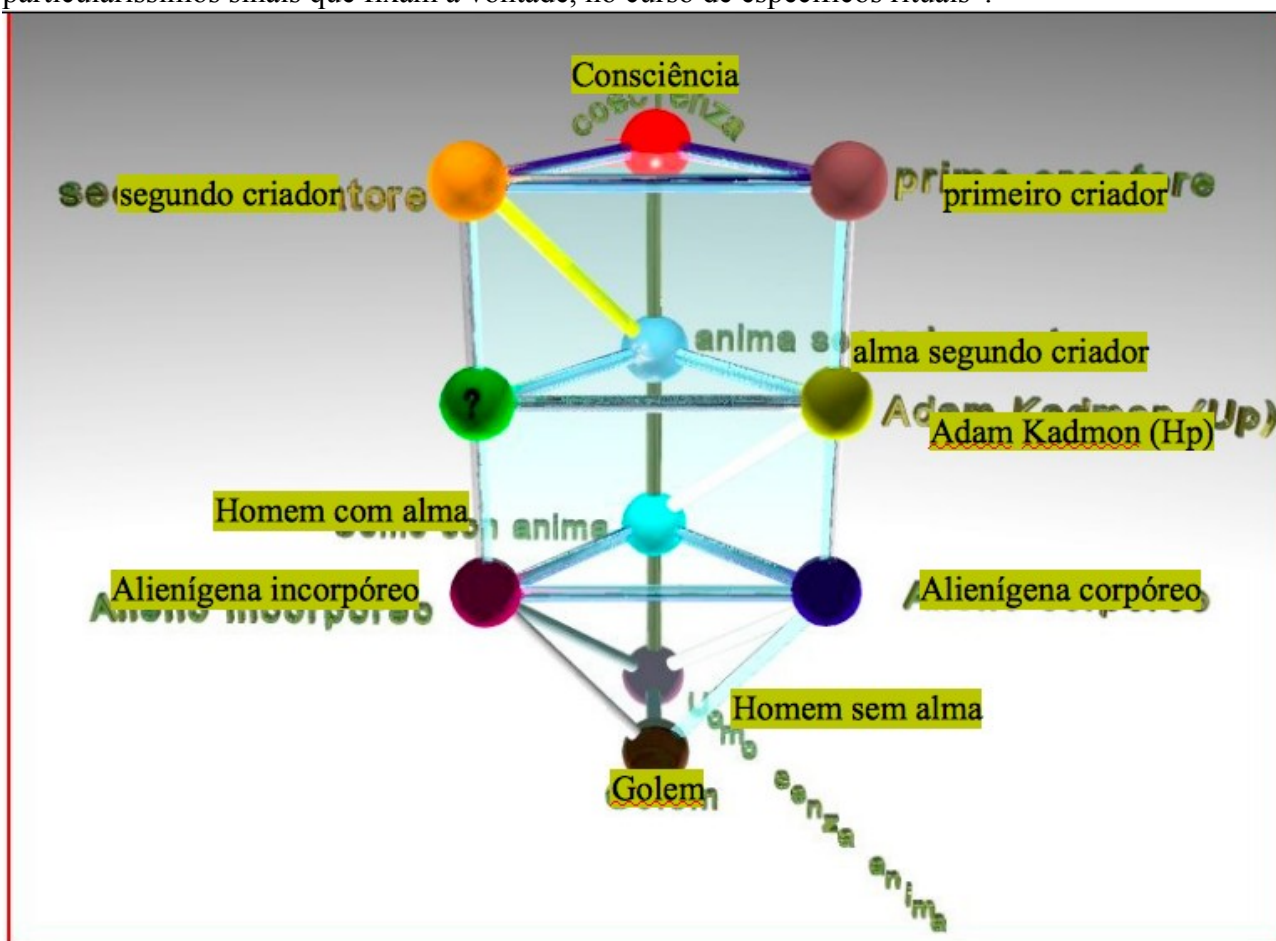
As tradições do povo hebraico são, portanto, as tradições da cultura védica e a língua hebraica é foneticamente semelhante ao sânscrito.

E portanto, eis que a ideia que o hebraico de hoje seja a língua do Adam Kadmon, começa a parecer provável. Giuseppe Cosco (<http://cosco-giuseppe.tripod.com/esoterismo/scrittura.htm>) reproduz as seguintes palavras:

“Havia, na origem, antes da confusão babélica, uma só língua que transmitiu a sapiência de Adão até Noé. Escreve Geershom Scholem: “A geração que quis erigir a Torre de Babel abusou, no sentido mágico, desta língua sagrada para imitar... a acção criativa de Deus... a língua santa resulta desde então misturada com elementos profanos...” (G. Scholem, O nome de Deus e a teoria kabalística da linguagem, Milão 1998).

Foi devida a esta linguagem divina a capacidade de falar com o mundo do Espírito e possuir “uma

ligação imediata e directa com a essência das coisas que queria exprimir. Era a língua e a escritura de Deus. Esta escritura era denominada pelos hebreus “celeste”, porque, como escreve Cornelio Agrippa essa “encontra-se delineada nas constelações” (Agrippa de Nettesheim, A filosofia oculta, 1510). Esteve na origem de todas as línguas e escrituras, incluso o alfabeto hebraico e os próprios hieróglifos egípcios, isto faz dizer a Kircher que “os alfabetos de todas as línguas portam em si vestígios das antigas letras” (A. Kircher, Turris Babel, Amsterdam, 1679). Reveste não pouca importância uma recolha hispano-árabe, redigida em latim, que se difundiu desde o final do séc.XIII e que compreende noções de astrologia, fórmulas mágicas e textos de alquimia; é conhecida com o nome de Picatrix. Lemos, entre outras coisas, na Picatrix, sobre as operações de traçados de sigilos e a sua relação com os planetas: “põe-nos em condições de produzir efeitos correspondentes à sua natureza particular”, que por este motivo “os desenhos de quem prepara os talismãs são realizados quando os planetas se encontram por cima dele, com o fim de conseguir efeitos certos e, através a atenta combinação de determinadas coisas secretas, a ele conhecidas, de obter o que deseja” (Picatrix, London, 1962). Tudo é número-palavra-som e com o grafismo se objectiva a força. Por tal motivo “todo o real se fundamenta sobre estas combinações originárias com que Deus suscitou o movimento da linguagem. O alfabeto é, junto com a origem da linguagem e a origem do ser” (G. Scholem, cit.). Kremmerz escreve: “Da Magia, como inteligência das leis ocultas que regulam a fenomenologia sensível, não é fácil formar-se uma ideia aproximativa sem penetrar a razão íntima das manifestações gráficas das forças... o leitor tem que remontar às causas dos signos da gráfica, cuja estrutura é ideológica, como determinação de espaço e de tempo” (Giuliano Kremmerz, A Ciência dos magos, Roma, 1974). O sigilo é uma ligação de energia subtil evocada por particularíssimos sinais que fixam a vontade, no curso de específicos rituais”.



Conclusões:

Portanto, na análise do fenómeno dos raptos alienígenas descobrimos um certo número de coisas.

1. Os Deuses não existem mas são os nossos manipuladores.
2. Não existem nem alienígenas bons nem alienígenas maus mas só alienígenas.

3. Tudo está já escrito no mito e não na História.
4. Adquirir consciência quer dizer compreender que o Homem é o futuro da evolução universal.

E portanto, devemos dizer que depois de nos termos libertado dos alienígenas devemos também evitar de ter contactos com o Homem primeiro que é aquele que pôs em acto este teatrinho. É possível fazer alguma coisa, basta querê-lo.

Referências e Notas

Uma interessante nota sobre a Língua de Deus:

- <http://cosco-giuseppe.tripod.com/esoterismo/scrittura.htm>

Para procurar mais rapidamente os textos sagrados hebraicos:

1. http://translate.googleusercontent.com/translate_chl=it&langpair=enit&u=http://www.religionfacts.com/judaism/texts.htm&rurl=translate.google.it&usg=ALkJrhgWqQ9W2QthVzIIIdF348Awavb-J6g
2. http://translate.googleusercontent.com/translate_chl=it&langpair=enit&u=http://www.sacredtexts.com/jud/index.htm&rurl=translate.google.it&usg=ALkJrhh1W_4eG4jwRgUejJBvMC7sSU9ERA
3. <http://lila.sns.it/mnamon/index.php?page=Risorse&id=8>
4. http://spazioinwind.libero.it/popoli_antichi/Religioni/testi-ebraismo.html

Para procurar rapidamente os textos sagrados egípcios:

1. <http://www.egypt.splinder.com/tag/testi+sacri>
2. <http://www.libercogitatio.org/storia/i-geroglifici-egiziani.html>
3. http://spazioinwind.libero.it/popoli_antichi/Egiziani/religione.html

Para procurar rapidamente os textos sagrados babilónicos:

1. http://www.riflessioni.it/dizionario_religioni/religione-babilonese.htm
2. <http://apocalisselaica.net/varie/miti-misteri-e-poteri-occulti/enuma-elish-il-mito-babilonese-dellacreazione>
3. <http://www.terralab.it/zeEsoter.htm>